



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: JORNALISMO
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROFESSOR ORIENTADOR: VIVALDO SOUSA

**USOS DO NARRADOR EM PRIMEIRA PESSOA EM GRANDES REPORTAGENS
DA REVISTA *NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL***

Sérgio Alves Bertoldi de Souza
RA: 21137717

BRASÍLIA-DF
Junho de 2014

SÉRGIO ALVES BERTOLDI DE SOUZA

**USOS DO NARRADOR EM PRIMEIRA PESSOA EM GRANDES REPORTAGENS
DA REVISTA *NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL***

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Me. Vivaldo de Sousa.

BRASÍLIA - DF

Junho de 2014

SÉRGIO ALVES BERTOLDI DE SOUZA

**USOS DO NARRADOR EM PRIMEIRA PESSOA EM GRANDES REPORTAGENS
DA REVISTA *NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL***

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Me. Vivaldo de Sousa.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Vivaldo de Sousa
Orientador- UniCEUB

Prof. Dr. Sérgio Euclides
Examinador

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

“Capricha nessa letra menino!”

Dedicado àquela que se sentava ao meu lado para me ensinar a escrever, e
escrever mais bonito.

À melhor pessoa que já passou por este planeta,

Minha vó Mariza

*“Mas, logo em seguida, notei que, enquanto assim queria pensar que tudo era falso, eu, que assim o pensava, necessariamente era alguma coisa. E notando esta verdade: **eu penso, logo existo**, era tão firme e tão certa que todas as extravagantes suposições dos cépticos seriam impotentes para a abalar, julguei que a podia aceitar, sem escrúpulo, para primeiro princípio da filosofia que procurava.”*

RENÉ DESCARTES

RESUMO:

O presente estudo analisa o uso do narrador em primeira pessoa nos textos de grandes reportagens da revista *National Geographic Brasil*. Levou-se em consideração as teorias do texto jornalístico, em especial do jornalismo de revista, e considerou-se o narrador enquanto personagem, com suporte teórico da narratologia. Como método foi utilizado análise de conteúdo para que sequências discursivas em que aparece o narrador em primeira pessoa no texto da revista fossem observados em aspectos quantitativos e qualitativos. O corpus da pesquisa foi escolhido com base nos critérios de relevância e homogeneidade, e refere-se a três matérias de capa da revista que tratam do mesmo tipo de assunto: geografia.

PALAVRAS-CHAVE: redação, mídia impressa, revista, narrativa jornalística, narrador, primeira pessoa do discurso, National Geographic.

ABSTRACT:

The present study examines the use of first-person narrator in the writings of great articles of National Geographic Brazil magazine. It took into account the theories of journalism writing, especially about the magazine journalism, and the narrator was considered as a character, as learnt with theoretical support of narratology. The content analysis was used as a method, so that discursive sequences in which the narrator appears in the first person in the text of the magazine were observed in quantitative and qualitative aspects. The research corpus was chosen based on the criteria of relevance and homogeneity, and refers to three magazine's cover articles that have the same kind of subject: geography.

PALAVRAS-CHAVE: journalistic writing, magazine, newspaper story, the narrator, first person speech, first person narrative, National Geographic.

SUMÁRIO

<i>Índice de Tabelas:</i>	9
<i>Introdução:</i>	10
Tema:	12
Objeto:	12
Pergunta Problema:	12
Objetivos:	13
Geral:	13
Específicos:	13
<i>Referencial Teórico:</i>	14
Jornalismo de Revista	14
O Narrador	16
Narratologia	18
<i>O Objeto de Estudo: National Geographic – História e Características.</i> ..	20
Internacionalização	22
<i>Metodologia</i>	25
Categorias	27
<i>Análise:</i>	29
Análise de Reportagem 1: “África do Sul: Os Filhos de Mandela”. Publicada em junho de 2010.	32
Análise de Reportagem 2: “Guardiões da Amazônia: os Caiapós ensinam como explorar e conservar a natureza”. Publicada em janeiro de 2014.....	36
Análise de Reportagem 3: “Cuba: O Novo Agora”. Publicada em novembro de 2012.....	46
<i>Conclusões:</i>	66
<i>Referências:</i>	69

Índice de Tabelas:

Tabela 1. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 1.....	33
Tabela 2. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 1	37
Tabela 3. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 2.....	39
Tabela 4. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 3.....	42
Tabela 5. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 4.....	43
Tabela 6. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 1	47
Tabela 7. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 2.....	52
Tabela 8. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 3.....	55
Tabela 9. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 4.....	57
Tabela 10. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 5.....	59

Introdução:

O texto jornalístico típico tem traços e elementos que o distinguem: objetividade, neutralidade, clareza e concisão. É o que configura o gênero chamado “texto informativo”, preponderante nas redações dos jornais diários. Por suas características e finalidades, a narrativa jornalística é comumente feita em terceira pessoa, com restrições de estilo e criatividade. Marcas de subjetividade são raras no texto noticioso. Como bem lembra Nilson Lage:

A comunicação jornalística é, por definição, referencial, isto é, fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si. Isso impõe o uso quase obrigatório da terceira pessoa. As exceções são poucas: reportagens-testemunho, algumas crônicas, textos intimistas destinados a grupos restritos. (2006, p. 51).

O contrário acontece no “texto interpretativo”, típico das revistas. Seja semanal ou mensal, a revista – nas palavras de Sérgio Vilas Boas – preenche os vazios informativos deixados pela cobertura dos jornais, rádio e televisão. Ainda, ensina o autor, “com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário” (VILAS BOAS, 1996, p.13). O gênero permite textos mais elegantes e sedutores. A narrativa pode ser em primeira pessoa.

Sempre li a *National Geographic*. Desde cedo encontrei na revista a chance de conhecer sobre os assuntos que mais gosto (praticamente todas as ciências) de uma forma mais profunda, e por que não, mais bonita. Do texto à fotografia, a *National* me cativou pelo cuidado estético. É prazeroso ler.

A *National Geographic Magazine* existe há 126 anos. A primeira edição foi publicada em 1888, nos Estados Unidos. Desde 1896 tem periodicidade mensal e, ao longo dos anos, atingiu circulação mundial, com edições em 40 idiomas em diversos países. No Brasil, a revista é publicada pela editora Abril desde maio de 2000. As matérias tratam de assuntos como geografia, biologia, física, ciência popular, história, cultura, eventos contemporâneos e fotografia. Por isso, é

classificável dentro do gênero “jornalismo científico”. As grandes reportagens são assinadas, e levam a marca dos repórteres no texto, além de atributos que aproximam o texto da *National* também do gênero conhecido por “jornalismo literário”: a narrativa é encadeada, descritiva, longa. Não é interrompida por subtítulos ou intertítulos. Tem *flash-backs* e *flash-forwards*. A narração é feita principalmente na terceira pessoa, mas por vezes aparece o narrador-personagem – o narrador em primeira pessoa, foco deste trabalho de conclusão de curso.

Em 2013, A *National Geographic* recebeu sete indicações ao *National Magazine Awards*, a mais importante premiação americana no setor de revistas. Concorreu, inclusive, ao prêmio máximo, o de Revista do Ano por excelência editorial.

Em tempos de crise da mídia impressa, é interessante ter como objeto de estudo uma publicação que acaba de completar 126 anos. Ao redor, vemos importantes veículos fecharem as portas. No Brasil, como maior exemplo, o Jornal da Tarde; nos Estados Unidos, a revista *Newsweek*, que vai dedicar-se apenas à plataforma digital. Alguns analistas culpam as novas mídias, a internet, como causa dessa crise. Outros apontam, para além da ameaça digital, a falta de qualidade do jornalismo em si - da apuração ao texto.

E é sobre o texto da *National* que este estudo se propôs a analisar. Considero-o distinto dentro do cenário dominado pelas mídias digitais, que priorizam velocidade, informação enxuta, curta e rápida. A maior parte da revista é composta de narrativas longas, encadeadas, sem intertítulos, sem subterfúgios, sem "pressa". No meio do texto, muitas vezes, o narrador aparente em primeira pessoa. O "eu" evidente, explícito, contrariando um dos dogmas do jornalismo convencional.

Carlos Castilho, em artigo do Observatório de Imprensa (edição 341 de 08/08/2005) escreveu sobre a polêmica do jornalismo em primeira pessoa. Ele relembrou que o uso do “Eu” em narrativas jornalísticas não é novo (referiu-se ao "novo jornalismo", termo cunhado por Gay Talese e Tom Wolfe na década de 1970), mas que agora parece estar de volta na agenda da grande mídia e universidades

americanas. “A rede de televisão ABC criou um segmento noticioso chamado *First Person*, onde o protagonista se dirige diretamente à audiência, sem a participação de um ou uma repórter” (CASTILHO, 2005).

Dois pesquisadores foram lembrados por Castilho no artigo. Para Steve Outing, do Instituto Poynter – um centro de estudos especializado em jornalismo na Flórida (EUA) – o jornalismo na primeira pessoa é tido com uma fórmula narrativa híbrida, que combina o estilo tradicional e o gênero contador de histórias, adotado por blogueiros. Já a pesquisadora de jornalismo online Amy Graham teria pontuado a questão da credibilidade (ou falta de) ao se usar a primeira pessoa. Carlos Castilho mencionou outra questão: “O texto na primeira pessoa ainda incomoda a maioria dos jornalistas, pois é geralmente associado ao protagonismo, atitude vista como um pecado capital no exercício da profissão”.

Ao final do artigo, o jornalista profetizou: “o leitor pode ir se acostumando com o uso da primeira pessoa no texto jornalístico, porque esta é uma tendência irreversível”. Se for assim, nada mais “justo” do que estudar esse fenômeno em uma das revistas mais importantes do mundo.

Tema:

Usos do narrador em primeira pessoa em grandes reportagens da revista *National Geographic Brasil*

Objeto:

As narrativas das reportagens de capa da revista impressa *National Geographic Brasil*. Previsão para o estudo das matérias de capa das edições de junho de 2010, novembro de 2012 e janeiro de 2014.

Pergunta Problema:

Como o repórter-narrador aparece nos textos de grandes reportagens da *National Geographic Brasil*?

Objetivos:**Geral:**

Analisar e compreender o uso da primeira pessoa do discurso nas narrativas jornalísticas da revista *National Geographic Brasil*.

Específicos:

Identificar o uso da narração em primeira pessoa na revista;

Identificar os momentos de auto-referência do narrador no texto;

Fazer análise de conteúdo dos trechos em que o narrador aparece em primeira pessoa;

Compreender os sentidos produzidos pelo aparecimento do “Eu-repórter” nos textos;

Criar categorias de identificação do aparecimento do narrador com base nos sentidos encontrados.

Referencial Teórico:

Por se tratar de uma proposta de análise de conteúdo do narrador-personagem em narrativas jornalísticas de uma revista científica, a pesquisa tem como referencial teórico as diferentes áreas do conhecimento correlatas. Da teoria jornalística, com foco na especificidade do jornalismo de revista, ao suporte das teorias literárias aplicáveis, como a narratologia e as definições sobre os tipos de narrador.

Jornalismo de Revista

Primeiro, é necessário entender o que é uma revista, tanto em seu aspecto material quanto imaterial. Os aspectos extratexto são importantes para entendê-lo, afinal, conforme preconizado por Luiz Motta, interessa ao analista da comunicação narrativa “não apenas a narrativa em si, mas o processo de comunicação, as relações entre o narrador e o narratário, as intencionalidades implícitas ou explícitas e não somente o conteúdo isolado, ainda que a análise recaia sobre a mensagem ou dela parta” (2005, p. 28).

Márcia Benetti relembra que todo jornalismo é um tipo específico de discurso com funções de narrar, de “oferecer o presente social, reconstruindo cotidianamente os eventos que dizem respeito ao homem” (2013, p. 45). Um jornal apresenta um panorama do que acontece no mundo e, entendendo o presente como novidade, oferece informação. Já o jornalismo de revista (e desse conceito a autora exclui as publicações semanais de informação geral) estende a noção de presente: “atual é sinônimo de contemporâneo, não de novo” (2013, p.45). Assim, mais do que informação, as revistas têm o papel de oferecer orientação em diversas áreas do saber de uma época. “Uma revista se apresenta ao leitor como detentora de um conhecimento especializado” (Mira, 1997, 2001 in: 2013 p.46) e são dirigidas a interesses pontuais, à diversidade de interesses que configuram a vida moderna (BENETTI, 2013).

A relação que une uma revista a um leitor também pode ser explicada pelos aspectos materiais que lhe dão forma. Entre eles estão: formato padrão (cujas dimensões variam de acordo com a publicação), qualidade do papel e da impressão, uso da cor, estilo das imagens, tipografia, elementos gráficos e diagramação (BENETTI, 2013). “Tais elementos, concretos e simbólicos, estão associados ao suporte midiático – a revista em geral – e à identidade de uma marca – aquela revista, dirigida àquele público.” (2013, p.52).

Marília Scalzo também destaca os aspectos tangíveis da revista: um veículo de comunicação impresso, com formato durável, carregável, e colecionável que somados às características da temática específica e a venda por assinaturas, conferem maior segmentação do mercado de revistas – e por consequência, maior identificação/ relação com o leitor (2011). Para a autora, a revista estaria situada entre a comunicação de massa (heterogênea) dos jornais, e a comunicação mais restrita (elitizada) dos livros (SCALZO, 2011).

Por isso mesmo, o texto de revista é diferente, ensina Marília Scalzo: “Além de conter informações de qualidade, exclusivas e bem apuradas, o texto de revista precisa de um tempero a mais” (2011, p.76). Para a autora, o bom texto de revista é o que deixa o leitor feliz, além de suprir suas necessidades de informação, cultura e entretenimento (2011). Dessa forma, ela alerta e recomenda:

Jornalismo não é literatura. Mas as técnicas da literatura podem ajudar (...). Cores, cheiros e descrições cabem num texto de revista. Apresentar os personagens, humanizar as histórias, dar o máximo de detalhes sobre elas, também. Aprender técnicas de construção de personagens, técnicas narrativas e descritivas é fundamental para quem quer escrever grandes reportagens (2011, p. 77).

Muitos parágrafos dos textos de grande reportagem da revista *National Geographic* são dedicados à descrição de ambientes e personagens. Informações e descrições se revezam, assim como o uso da narração em primeira ou terceira pessoa, similar a um estilo que se desenvolveu com maior impacto nos Estados Unidos nos anos de 1960, e foi chamado de Novo Jornalismo. Nas palavras de um representante desse “movimento” (entre aspas, porque eles nem se reconheciam

como um grupo distinto do jornalismo, mas como experimentadores de novas linguagens), Tom Wolfe, cita algumas das características desse estilo:

Neste novo jornalismo não há regras sacerdotais; em nenhum caso. Se o jornalista quer mudar o ponto de vista da primeira pessoa para o ponto de vista da terceira pessoa na mesma cena, ou entrar e sair dos pontos de vistas dos personagens (...) ele simplesmente faz isso. (WOLFE, 2005, p.57)

Mas é importante reiterar que jornalismo, seja o de jornais ou de revistas, não é literatura, e precisa conformar-se à realidade, exalar credibilidade. Nas palavras de Márcia Benetti, o “como se diz” é importante dispositivo de autoridade, que no jornalismo permite reforçar a própria credibilidade de forma exaustiva (2013). Se o texto de revista pode ser mais fluido, solto, criativo, a autora ensina que de algum modo “o discurso precisa criar ancoragens de que está a tratar seriamente e de forma competente – de forma jornalística – daqueles assuntos tão interessantes” (2013, p. 54).

O Narrador

A revista *National Geographic* não chega a ser considerada um exemplo do jornalismo literário ou novo jornalismo, propriamente dito. Mas a revista científica tem aspectos que a aproximam também do gênero, especialmente na forma de narrar, na forma como o autor se coloca no texto. E é especialmente sobre o uso do narrador em primeira pessoa, sobre as marcas do autor que iremos tratar. O autor, assim entendido por Foucault:

Creio que existe outro princípio de rarefação de um discurso que é, até certo ponto, complementar ao primeiro. Trata-se do autor. O autor não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. (2006, p. 26)

O repórter da *National Geographic* será entendido assim como uma categoria, ainda que diferentes reportagens sejam produzidas por diferentes jornalistas. Os que falam pela revista, como o fazem? O produto final que chega às bancas, ou na casa

do assinante, estabelece uma relação de forças do discurso, conforme revelado por Eni Orlandi:

Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação (2005, p. 40).

Na empreitada para analisar o uso da primeira pessoa nos textos da *National Geographic*, acompanhamos as lições de Nilson Lage sobre o texto moderno em jornalismo, mais especificamente, sobre o texto narrativo. Ele lembra que esse tipo de construção origina-se do épico grego e é organizado em seqüências correspondentes a sucessão de fatos, caracterizadas por verbos de ação (LAGE, 2005, p. 50). Já o narrador, relembra, é aquele que conta a história. Pode ser um personagem: “dirá por exemplo, ‘peguei a xícara, provei o café frio e cuspi’(...)”, mas o mais comum é que seja alguém indeterminado, onipresente, isto é, que acompanhe todos os fatos, onisciente – (...) que saiba de tudo que se passa no cenário da ação”. (2005, p. 51). Este é o narrador em terceira pessoa, que na teoria literária é conhecido também pelo nome de narrador observador e seu ponto de vista tende a ser mais imparcial (GANCHO, 2006, p. 31).

Segundo Cândida Gancho as variantes do narrador em terceira pessoa são: a) o narrador intruso, que fala com o leitor e julga comportamentos dos personagens; e b) o narrador parcial, que se identifica com algum personagem e/ ou lhe dá mais espaço, destaque (2006, p. 32). Já o narrador em primeira pessoa, o narrador personagem (caracterizado por ter o campo de visão limitado, não onisciente, nem onipresente) tem as seguintes variantes: a) narrador testemunha, geralmente não é personagem principal, mas narra acontecimentos dos quais participou; e b) narrador protagonista, que é também a personagem principal (2006, p. 33).

Narratologia

“Quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênua”. A frase é de Luiz Gonzaga Motta, autor do livro *Narratologia: Teoria e Análise da Narrativa Jornalística*. Descobrir quais são esse propósitos, compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, principalmente quando ele se autorreferencia é a intenção deste trabalho. Por isso, adotamos as orientações de Luiz Motta quanto aos cuidados teórico-metodológicos necessários ao debruçarmos sobre o texto da revista *National Geographic*.

Conforme lembrado pelo autor, as narrativas midiáticas podem ser tanto fáticas (notícias, reportagens, documentários) quanto fictícias (telenovela, anúncios, filmes). As narrativas são sempre construções discursivas, sejam fictícias ou fáticas. Uma versão entre tantas outras possíveis sobre episódios ou pessoas reais (2005). Nas palavras do professor:

As narrativas só existem em contexto e para cumprir certas finalidades sociais e culturais muito claras, não podem ser analisadas isoladamente sob pena de perderem o seu objeto determinante. As narrativas são dispositivos produtores de significados e sua estruturação como narrativa obedece a interesses do narrador (individual ou institucional). Regem-se pelo contexto de sua produção que é inseparável de sua conformação desta ou daquela maneira, que a condiciona e a faz assumir tal ou qual forma, tal ou qual perspectiva, ritmo, velocidade, modo, ponto de vista, alcance, etc. (MOTTA, 2005, p. 10 -11).

Desta forma, é importante lembrar que a *National Geographic* é uma revista, impressa em formato A4, distribuída mundialmente, traduzida para o idioma local (no caso, o português do Brasil). Que se trata de um gênero informativo segmentado, destinado a um público interessado em ciências gerais, com intenções de difundir pesquisa e exploração nas diversas áreas da biologia, geografia, física, história, e antropologia. Isso é o princípio.

Como o foco do estudo recai sobre o narrador em primeira pessoa, também conhecido como narrador-personagem, é importante lembrar as lições de Luiz Motta sobre a construção dos personagens na narrativa:

Embora o jornalismo trate de histórias de (ou que envolvem) pessoas reais, as personagens que aparecem no texto não são pessoas, e sim figuras de discurso. A personagem é uma categoria linguística. Mesmo quando esta personagem tenha um correspondente na vida real, na narrativa ela assume funções de personagem. A personagem é um ente, não um indivíduo. O analista tem que ter isso em mente. Examinar como o relato jornalístico constrói tal personagem” (2005, p. 73-74).

Mas nosso personagem em estudo é especial, afinal, é o próprio narrador. Então, será necessário identificar o momento em que o narrador se explicita e se constrói como personagem – se age, opina ou apenas observa o acontecido. Completando o conceito, Luiz Gonzaga Motta afirma: “A personagem enquanto figura que age, que realiza ações, pode ser vista como ‘predicado’ (como o entende T. Todorov). Como alguém que faz coisas, que realiza ações que fazem fluir o relato” (2005, p. 75).

Assim, o que faz o narrador de grande reportagem da *National Geographic*, quando se revela? O que pretende? Quais as intenções implícitas ou explícitas? Que relações estabelece entre o narrador e o leitor? Afinal, para usar os termos de Luiz Motta, “o discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário, e outros participam dos jogos de linguagem, todos eles referem-se mais a ações e performances socioculturais que a simples relatos representativos” (2005, p. 17).

Antes de explicar a metodologia e partir para a análise do texto, é importante aprofundar nosso conhecimento sobre o objeto de estudo em sua especificidade, de forma a compreender melhor as relações que se estabeleceram entre este veículo de comunicação, emissores e receptores (leitores da revista) ao longo da história.

O Objeto de Estudo: National Geographic – História e Características.

A revista *National Geographic* é um dos produtos de mídia da *National Geographic Society* (doravante, NGS), organização sem fins lucrativos criada com o intuito de “promover o crescimento e difusão do conhecimento geográfico” (JENKINS, 2011). Fundada em janeiro de 1888 na capital estadunidense, Washington D.C., os 33 membros originais eram homens representantes de diversas profissões: geólogos, geógrafos, meteorologistas, cartógrafos, banqueiros, advogados, naturalistas e até um jornalista.

Essa formação heterogênea refletia bem o clima de entusiasmo geral pelas Ciências que conhecidamente marcou o pensamento ocidental do século XIX. O primeiro presidente eleito da NGS, Gardiner Greene Hubbard, era advogado e financista, e seu discurso de apresentação ilustrava a confiança nas possibilidades de repercussão social por meio da divulgação científica:

Com a minha eleição, notifica-se ao público que os membros de nossa Sociedade não estarão restritos a geógrafos, mas incluirão aquele grande número de pessoas que, como eu, deseja promover pesquisas conduzidas por outrem, e servirá para difundir o conhecimento entre os homens, de modo que todos nós possamos entender melhor o mundo em que vivemos (citado em JENKINS, 2011).

Mas o conhecimento reunido pelos primeiros membros e exploradores patrocinados pela NGS tinha alcance restrito. Conforme divulgado no site oficial, a *National Geographic Magazine* tinha publicação esporádica e era um “desastre comercial” (JENKINS, 2011), restrita praticamente ao círculo de cientistas de Washington. Além de artigos acadêmicos complexos, do conteúdo da revista constavam atas de reuniões, lista de centenas de membros, e até relatos de “piqueniques e excursões a campos de batalha da Guerra de Secessão” (JENKINS, 2011).

A situação começou a mudar em 1896, quando a diretoria resolveu aumentar a circulação da *National Geographic* e tornou a revista uma publicação mensal ilustrada, vendida nas bancas – já com anúncios e as primeiras fotos. Outro fator importante foi a contratação, em 1897, de um editor em tempo integral, dedicado a

reformular a revista – que anteriormente era editada por um comitê voluntário. O novo presidente, Alexander Graham Bell escolheu seu genro, o jovem Gilbert Hovey Grosvenor para “salvar” a publicação com a seguinte orientação:

O mundo e tudo o que existe nele é o nosso tema, e, se não conseguirmos encontrar nada nele que interesse às pessoas comuns, é melhor fecharmos as portas e nos transformarmos em um boletim científico técnico e restrito a geógrafos da alta classe e especialistas em geologia. (citado em JENKINS, 2011).

Desde então a *National Geographic Magazine* passou a cobrir assuntos que a caracterizam ainda hoje, “desde ‘Coreia: uma nação eremita’ até a construção de barcos britânicos, passando pela expedição de Robert E. Peary ao Ártico para medir a altura do monte Rainier” (JENKINS, 2011). Além de geografia, a revista começou a diversificar os assuntos e abordagem, como no episódio da erupção do monte Pelee, em 1902, na Martinica. Pela história divulgada no site da National, mais uma vez houve sugestão editorial por parte de Graham Bell. Ele teria recomendado à equipe que fora à ilha: “Deixe a ciência aos outros e nos traga detalhes de interesse vivo, lindamente ilustrados por belas fotos” (JENKINS, 2011).

A fotografia é outra característica da revista que desde cedo foi desenvolvida. Já em 1896 publicaram uma foto do povo zulu que teria causado polêmica na época, afinal um casal foi retratado sem pudor quanto à nudez daquela cultura. Mas ao que consta, somente a partir de 1905, com a publicação de 138 fotos das Filipinas – e depois em 1906, com 74 imagens da vida selvagem nos Estados Unidos – é que a publicação se tornou um sucesso, inclusive com a adesão de mais membros à sociedade. A fotografia, que antes era usada com moderação, passou a fazer parte da identidade da revista.

Em 1912, a NGS já tinha crescido o bastante para registrar ganhos de 43 mil dólares, quantia reservada somente para o apoio à exploração científica. Logo a NGS passou a ser uma das principais patrocinadoras de expedições, e a revista transformou-se na publicação que registrava as descobertas” (JENKINS, 2011).

Ao longo do século XX a *National Geographic Magazine* notabilizou-se pelas reportagens em lugares inóspitos ou inexplorados da Terra, desde a chegada ao

Polo Norte em 1909 até o registro de escaladas ao Monte Everest na década de 1960. Também virou marca da revista a publicação de mapas, atlas, encartes especiais com informações a respeito dos países e respectivos limites territoriais. Informações, inclusive, que foram utilizadas pelo governo estadunidense durante as guerras mundiais.¹

Em 1970 houve uma importante mudança editorial que passou a incluir temas mais controversos e espinhosos na revista – até então criticada por mostrar um mundo perfeito demais. Tudo começou quando Gilbert Grosvenor assumiu a edição da revista e publicou matéria sobre os problemas ambientais em Cleveland, cujo título foi: “A poluição ameaça o único lar da humanidade”. A partir de então “artigos a respeito da saúde global, do lado negro do comércio de diamantes ou das armas de destruição em massa agora aparecem ao lado de reportagens sobre descobertas arqueológicas e maravilhas científicas” (JENKINS, 2011). Juntem-se a isso matérias a respeito da pobreza no Harlem, sobre o apartheid na África do Sul ou a guerra no Afeganistão, e podemos considerar que a revista passou a cobrir temas de valor-notícia mais típicos do jornalismo convencional.

Internacionalização

Com o tempo a NGS incorporou novas mídias. Em 1965 produziu um especial para a TV sobre a expedição ao Everest, e depois uma série com o oceanógrafo Jacques Cousteau. Em 1996 lançou o sítio eletrônico “nationalgeographic.com” e em 1997 o canal de televisão por assinatura foi ao ar no Reino Unido, Austrália e Escandinávia – antes de se tornar global no século XXI.²

Já a revista começou sua internacionalização em 1995, quando a edição japonesa da *National Geographic* foi publicada. Logo depois vieram as edições em espanhol, específicas para Espanha e para a América Latina. Em 2014 foi

¹ <http://viajeaqui.abril.com.br/materias/historia#9>

² Disponível em <<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/historia-national-geographic-o-coracao-da-aventura>>. Acesso em 18/03/2014.

contabilizada a publicação da revista em 40 línguas nativas diferentes, sendo a mais recente a edição de março de 2013 em ucraniano.³

No Brasil, a *National* chegou em maio de 2000, por meio da editora Abril, antes mesmo da edição em português de Portugal (lançada em 2001). A impressão do material, no entanto, era feita em Santiago do Chile, único lugar da América do Sul que tinha uma gráfica certificada para os padrões de qualidade exigidos pela NGS. A partir de 2002 a Gráfica Abril passou pelo processo de certificação e começou a imprimir a revista em São Paulo. No entanto, conforme divulgado, o maior trabalho para a publicação em vernáculo era de outro tipo:

Nos primeiros anos no Brasil, o desafio maior era fazer com que uma revista em tradução fosse ao mesmo tempo prazerosa de ler e rigorosa com os termos científicos. As versões para o português eram avaliadas por especialistas brasileiros e professores universitários dos Estados Unidos, sem falar dos profissionais da Editora Abril. Era uma operação trabalhosa. Cada tradução passava por cinco, às vezes seis editores. (JENKINS, 2011).

Depois vieram as reportagens produzidas pela equipe da revista em São Paulo com a contribuição de fotógrafos e escritores *freelancers*. Conforme explicado no site oficial, isso ocorre com menos frequência porque primeiro os assuntos da revista são de interesse global, e segundo porque as reportagens produzidas pela matriz contam com orçamento e recursos expressivos. Já as matérias de interesse mais restrito aos Estados Unidos acabam sendo trocadas pelas produzidas por brasileiros, dentre os quais estão nomes como Araquém Alcântara, Amyr Klink, Bob Wolfenson e Drauzio Varella, por exemplo.

Em 2010 a “revista-mãe” publicou no mundo toda reportagem sobre os lençóis maranhenses com texto escrito por Ronaldo Ribeiro, um dos editores da *National Geographic Brasil*.

Atualmente – conforme divulgado no site de publicações da Editora Abril, e de acordo com pesquisa do IVC (Instituto Verificador de Circulação) de dezembro de

³ Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/National_Geographic_\(magazine\)](http://en.wikipedia.org/wiki/National_Geographic_(magazine))>. Acesso em 18/03/2014.

2013 – a *National Geographic Brasil* conta com tiragem de 63.197 revistas, com circulação líquida de 48.965 (sendo 42.074 provenientes de assinaturas e 6.891 de vendas avulsas)⁴. No mundo, a revista já foi a terceira maior publicação em circulação: média de 5 milhões por mês entre outubro de 2007 a março de 2008 (ALI, 2009, p. 25) e atualmente alega, via *press-release*⁵, que atinge 60 milhões de leitores por mês.

⁴ Disponível em <<http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral/>> Acesso em 01/04/2014.

⁵ Disponível em <<http://press.nationalgeographic.com/files/2014/01/NGM-overview-1-14.pdf>> Acesso em 01/04/2014.

Metodologia

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa é o da Análise de Conteúdo, uma vez que se ocupa basicamente com a análise de mensagens e atualmente é considerada uma técnica híbrida “por fazer a ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa de materiais” (BAUER,2002, op. Cit in JUNIOR, 2005, p. 285), valorizando a inferência como tarefa intelectual básica. Como ensina Wilson Júnior:

Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada. Assim como o arqueólogo ou o detetive trabalham com vestígios, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência, tirando partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor ou sobre o destinatário da comunicação. (2005, p. 285).

Entre as tendências atuais, o autor recomenda seguir a proposta da pesquisadora francesa Laurence Bardin, que organiza a análise do conteúdo em três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; e 3) Tratamento dos resultados e interpretações.

A primeira atividade a ser feita, segundo Bardin é a leitura flutuante, ou seja, “o contato com os documentos a serem analisados, visando conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (1988, op. Cit. in JUNIOR, 2005, p. 290). Este primeiro passo foi dado durante a fase do projeto de pesquisa, formulado um semestre antes, e repetido agora para melhor definição do corpus e sugestão de categorias de interpretação do conteúdo.

Desse contato superficial com a revista, de pronto pude excluir as grandes reportagens da *National* que tratam de ciências naturais (em sentido amplo) já que em geral elas não trazem o uso do narrador em primeira pessoa. Pelo mesmo motivo, as notas, infográficos, fotos, editoriais e notícias – que compõem a primeira parte de cada revista – também serão ignoradas. Não há marcas de narrativa ou narrador nesses textos. Em geral, eles representam 20% da revista, que tem 135 páginas em média.

Na definição do conjunto das revistas e grandes reportagens a serem submetidas à análise, resolvi seguir as regras de representatividade e de homogeneidade, considerando ainda os recursos temporais e econômicos, conforme lembrado por Wilson Júnior (2005, p. 292). Assim, optei por escolher as três matérias de capa das edições de junho de 2010, novembro de 2012 e janeiro de 2014 da *National Geographic Brasil*. As matérias de capa justificam por si só sua importância, e atendem a regra de representatividade, já que seria impossível trabalhar todo o universo da revista em três meses (o prazo para conclusão do trabalho de conclusão de curso). Já a escolha de tais edições se deu tanto pela disponibilidade em minha coleção pessoal, quanto pela identificação prévia do uso do narrador em primeira pessoa nos textos das reportagens de capa.

A temática semelhante das três matérias, por sua vez, atende o critério de homogeneidade, que diz que “os documentos obtidos devem ser da mesma natureza, do mesmo gênero ou se reportarem ao mesmo assunto” (JUNIOR, 2005, p. 293). Logo, podemos comparar diferentes formas de narrar o mesmo tipo de conteúdo, que no presente caso é a geografia – evidenciado pelo uso de nomes de lugares nos títulos das reportagens estampados nas capas: África do Sul, Cuba e Amazônia.

E o que fiz diante do texto? O primeiro passo foi ler integralmente as reportagens com objetivo de apreender os aspectos gerais de cada uma, de modo a produzir uma síntese que contextualizasse a matéria e nos desse o universo imediato sobre o qual cada texto se insere – inclusive, para identificar qual o foco narrativo geral da reportagem. Em seguida a estratégia foi identificar e separar as sequências discursivas em que aparecem as marcas do narrador em primeira pessoa no texto, fazendo delas a base de nossas unidades de registro. O terceiro passo foi descrever cada unidade de registro, que corresponde a uma linha de tabela criada para pontuar as principais características do trecho extraído, como por exemplo: o narrador aparece na forma pronominal, mais explícita – utilizando o “Eu” ou “Nós” – ou nas formas desinenciais, elípticas, implícitas – evidenciadas somente pelas flexões dos verbos? Aparece enquanto sujeito ou objeto da oração? Quais verbos acompanham o sujeito? Que ideias (sentidos) a construção frasal com

narrador em primeira pessoa transmite? Relacionam-se a uma ação, movimentação, localização, constatação, opinião ou reflexão pessoal?

Depois de observar as marcas do narrador autorreferente, e as circunstâncias o cercam, o quarto passo foi associar cada unidade de registro a uma categoria criada para classificar os usos do narrador em primeira pessoa, conforme vislumbrado na fase de elaboração do projeto de pesquisa. Durante aquele período, quando ainda da leitura superficial do objeto, propus duas hipóteses para o aparecimento do eu-repórter: **bastidores** ou **expressão pessoal**:

Categorias

Em uma primeira aproximação com os textos da revista *National Geographic*, propus duas principais hipóteses de categorias para classificar o aparecimento do repórter-narrador:

a) **bastidores**: neste caso, o narrador aparece para revelar, mostrar, dar detalhes do processo de produção da reportagem; de quais movimentos seguiu para dar sequência à apuração dos fatos, ou do que aconteceu para que os rumos da reportagem mudassem. Onde estava, para onde foi, com quem convesou. Geralmente são construções baseadas em verbos de ligação, ou verbos não-nocionais. Alguns exemplos genéricos: “fomos até o local” / “entrei pelo saguão principal” / “um barco nos levou”.

b) **expressão pessoal**: trata-se de uma categoria criada para indicar quando o uso da primeira pessoa serve para pontuar impressões, revelações ou sensações do repórter. Em tais construções textuais, ficaria evidente a subjetividade do narrador. São exemplos genéricos: “senti um cheiro forte” / “as ruas me pareceram calmas demais” / “não acreditei no que vi”.

Segundo Wilson Junior, a categorização “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registros em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (2005, p. 298). Minha intenção com essas categorias foi seguir uma lógica binária para tentar

enquadrar os registros de primeira pessoa do discurso em uma coisa ou outra: mais objetivo (revelando bastidores da reportagem), ou mais subjetivo (evidenciando perspectiva pessoal do narrador).

Depois de classificar os registros, a ideia é quantificar o número de ocorrências das duas categorias em cada um dos três textos, e assim partir para a última fase da análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1988, op. Cit. In: JUNIOR, 2005, p. 289), a de inferências e interpretação, que farão parte das conclusões.

Sobre a inferência, Júnior destaca que ela deve centrar nos aspectos implícitos da mensagem analisada (2005, p. 298). Segundo ele:

A leitura efetuada pelo analista de conteúdo procura evidenciar o sentido que se encontra em segundo plano. No campo da comunicação, este procedimento é utilizado para desvendar as condições de produção das mensagens analisadas, isto é, “as variáveis psicológicas do (...) emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação da comunicação ou do contexto de produção da mensagem (Bardin, 1998, p. 40; op. Cit. In: JUNIOR, 2005, p. 299).

Na interpretação dos dados, estaremos em conta com o princípio teórico de análise do discurso ensinado por Eni Orlandi (2005), principalmente em relação ao processo de “de-superficialização” do texto, com atenção às questões de interdiscursividade e intertextualidade – para encontrar, tanto dentro quanto fora do texto, os sentidos que o narrador em primeira pessoa invoca ao se tornar explícito na narrativa. Ou como também prescreveu Luiz Motta, a respeito do processo analítico:

A análise da narrativa jornalística permite recuperar a sequência horizontal do suceder lógico-temporal (...), mas permite também fazer uma leitura vertical entre os sentidos unitários das sequências com as suas significações mais profundas. (2005, p. 32).

Análise:

Conforma proposto na metodologia, a análise de cada matéria será composta de aspectos gerais da narrativa (resumo da história, personagens, foco narrativo), bem como da separação e descrição de cada trecho em que aparece o narrador em primeira pessoa, para observamos suas características imediatas.

Cada trecho desses, considerado como sequência discursiva (SD) será transposto para uma tabela onde cada linha conterà respostas às perguntas formuladas na metodologia, separado em colunas, conforme detalhamento a seguir:

- a) Número da sequência discursiva, conforme ordem de aparecimento em cada texto;
- b) A transcrição da sequência discursiva, com destaque em negrito para a partícula mínima que evidencia o narrador no texto. Esta partícula servirá de base para a caracterização que vem a seguir, de ordem mais técnica (gramatical);
- c) A forma como o narrador aparece no texto: nas três linhas em que se subdivide esta coluna, tentaremos identificar aspectos gramaticais básicos, e mais objetivos, de como isso ocorre: 1) por meio de pronomes ou implícito na desinência número pessoal do verbo? 2) enquanto sujeito ou objeto da oração? – podendo, no caso de verbos reflexivos, haver preenchimento das duas opções – e no caso de pronomes possessivos, de nenhuma delas 3) no singular ou no plural?
- d) Quais verbos acompanham ou se referem ao narrador auto-exposto no texto? Esta identificação do verbo será feita sempre no modo infinitivo, para tornar mais homogênea a visualização dos dados.
- e) Quais ideias (sentidos) a construção frasal com narrador em primeira pessoa transmite? De ordem mais subjetiva, a resposta dessa coluna será dada em palavras-chave, de modo a controlar a variedade de respostas possíveis, e permitir (facilitando) a

identificação (e até quantificação) de sentidos comuns ou distintos entre as sequências discursivas.

- f) Finalmente, na última coluna de cada registro de sequência discursiva, associarei o trecho a uma das duas categorias propostas para interpretar o aparecimento do narrador em primeira pessoa: bastidores ou expressão pessoal. A escolha se dará conforme os critérios apontados na metodologia.

Situações excepcionais no preenchimento da tabela são previstas. Às vezes uma sequência discursiva tem mais do que uma partícula que explicita o uso da primeira pessoa. Neste caso, todas serão negritadas, e se forem do mesmo tipo (como, por exemplo, verbos diferentes flexionados da mesma forma no mesmo trecho) continuarei o preenchimento da tabela normalmente. Se forem de tipos diferentes, as partículas serão negritadas, e sublinharei aquela que mais dá força ao trecho analisado (geralmente ligada ao sujeito ou oração principal), e esta servirá para o preenchimento da coluna “Forma de Exposição do Narrador”, descrito anteriormente no passo “c”. Importante salientar que os aspectos gramaticais não são o foco da análise, e sim os sentidos encontrados no trecho. Mas estas características podem dar pistas para melhor visualização dos dados e interpretação dos significados.

Se partículas diferentes indicarem sentidos classificáveis tanto de Bastidores como de Expressão Pessoal na coluna “Categoria”, registrarei o trecho com base nesta última categoria, já que a expressividade do narrador sobressai para efeito de análise (afinal, quebra a regra da impessoalidade esperada no texto jornalístico típico). De todo modo, procuro preencher a tabela separando cada partícula que evidencia o uso da primeira pessoa em uma unidade de registro (sequência discursiva) única. Em poucos casos será inviável separá-los e, de qualquer forma, serão analisados na interpretação do texto como um todo.

Além da separação, descrição e categorização de cada sequência discursiva, analiso parcialmente cada grupo de sequências (tabelas) conforme as características que se destacarem – tanto por aspectos em comum entre as

sequências, quanto pelos que fugirem à regra observável em cada caso. Logo, pretendo traduzir os dados encontrados, procurando por padrões ou exceções mais nítidos, bem como a relação das sequências discursivas em primeira pessoa com o contexto geral ou imediato em que aparecem na reportagem.

Incluo nesta análise a descrição técnica básica de cada reportagem do corpus: número de páginas totais da reportagem; número de páginas de texto, de fotos ou infográficos; nome de quem assina a matéria e nome do fotógrafo relacionado.

A ordem de apresentação da análise das reportagens seguirá a ordem cronológica em que eu os analisei. Assim, primeiro vamos estudar a reportagem de capa sobre a África do Sul, de junho de 2010; a seguir a matéria sobre os caiapós na Amazônia, capa de janeiro de 2014; e por último a reportagem em Cuba, de novembro de 2012. Além de reproduzir minha própria evolução no processo de análise, essa ordem de textos segue a ordem crescente do número de ocorrências em primeira pessoa das três reportagens.

A reprodução das matérias pode ser encontrada nos três *links* a seguir, disponíveis no sítio eletrônico da National Geographic Brasil:

- Reportagem 1 :<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/os-filhos-de-mandela>;
- Reportagem 2 :<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/indios-caiapos-amazonia>;
- Reportagem 3 :<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/revolucao-cuba-fidel-castro-havana>.

**Análise de Reportagem 1: “África do Sul: Os Filhos de Mandela”.
Publicada em junho de 2010.**

Matéria assinada por Alexandra Fuller, com fotografia de James Nachtwey. A reportagem trata da situação social, econômica e política na África do Sul 15 anos após o fim do apartheid – e às vésperas de sediar a Copa do Mundo de 2010. O texto principal gira em torno do encontro entre dois personagens opostos por um crime – um atentado à bomba de cunho racista, ocorrido em 1996, cujo principal autor foi Daniel Coetzee, branco de 19 anos à época. Além de quatro mortos, a explosão afetou as pernas da senhora Olga Macingwane, uma das 70 pessoas feridas (todas elas negras ou mestiças, segundo a reportagem).

Em 2008, autorizado pelo presidente Thabo Mbeki, representantes de todos os partidos da África do Sul elaboraram uma lista de 120 prisioneiros que poderiam receber perdão por crimes de motivação política ocorridos entre 1994 e 1999. Dentre eles estava Coetzee. O processo, no entanto, sofreu intervenção de organizações não governamentais para que se incluísse nos trâmites legais a necessidade de se consultar as vítimas antes da concessão da anistia aos criminosos. Antes que o imbróglio jurídico fosse decidido na Corte Constitucional, o encontro dos dois personagens acontece em 10 de janeiro de 2009. Olga, que nunca tinha visto Coetzee, aceita seu pedido de desculpas.

Os detalhes sobre a situação socioeconômica de negros e brancos na África do Sul foram priorizados nas duas páginas de infográfico, e nas 10 legendas das fotos (cada qual ocupando duas páginas abertas). O texto das legendas e do infográfico não tem uso da primeira pessoa, e trazem informações à parte do texto principal. Já a narrativa foi realizada majoritariamente em terceira pessoa, e tratou das imbricações políticas e até emocionais do complexo processo de transformação social que o fim do apartheid trouxe na prática, com foco na história dos personagens citados acima. Nas oito páginas (e 58 parágrafos) de escrita, encontrei nove ocorrências do uso da primeira pessoa, assim analisados:

Tabela 1. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 1

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
1	Coetzee e eu nos sentamos cara a cara e joelho a joelho em uma ampla sala amarela, destinada às visitas.	Pronominal	Desinencial	Sentar-se	Contato/ Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
2	A manhã já vai alta e chove desde a noite anterior. Está frio e estamos os dois tritando.	Pronominal	Desinencial	Estar	Tempo/ Clima/ Estado	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
3	Coetzee me conta que nasceu em 1977. Sua mãe não lhe dava atenção e seu pai era um bêbado, sendo que ele não se lembra de jamais ter visto os dois juntos.	Pronominal	Desinencial	Contar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
4	Peguei uma carona com Marjorie – médica de seus 50 anos, figura tranqüila – desde Johannesburgo, passando pela periferia de Pretória, em uma tarde impecável de verão, no fim de 2009.	Pronominal	Desinencial	Pegar	Deslocamento/ Localização/ Tempo	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
5	E eis que, por esse caminho, no ssa conversa chega até Coetzee.	Pronominal	Desinencial	Chegar	Estado/ Diálogo	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
6	(...), esclarece Marjorie, afastando livros da mesa para que a gente possa almoçar.	Pronominal	Desinencial	Almoçar	Alimentação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
7	Marjorie põe uma tigela de sopa de macarrão com frango na minha frente.	Pronominal	Desinencial	Pôr	Estado/ Situação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
8	Quando o encontro, em seu gabinete na faculdade de direito, Madlingozi me oferece a costureira xícara de chá.	Pronominal	Desinencial	Oferecer	Localização/ Contato	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
9	Ele ri e me olha, de forma quase desafiadora.	Pronominal	Desinencial	Olhar	Contato/ Estado	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Dos dados obtidos nesta reportagem é possível concluir que o aparecimento do narrador no texto foi sempre para revelar detalhes da produção da matéria, já que todas as sequências indicam movimentos, localizações, situações de diálogo ou estados dos personagens (incluído o narrador) quando da fase de apuração dos fatos. Por isso mesmo foram classificadas na tabela na categoria bastidores. Também é possível inferir que a edição preferiu usar as formas mais explícitas de exposição do narrador, já que seis das nove vezes em que apareceu utilizou-se de pronomes pessoais (eu, me, a gente) e pronomes possessivos (minha, nossa). Houve equilíbrio entre o número de vezes em que o narrador age (três vezes como sujeito da oração) e o número de vezes em que sofre a ação (três vezes enquanto predicado), sendo que em uma ocorrência ele age e sofre ao mesmo tempo (verbo pronominal sentar-se) - e nas outras duas há o uso de pronomes possessivos.

Intertextualmente há uma característica nessa matéria que a distingue das demais reportagens das edições analisadas. É a única cujo texto principal foi dividido por intertítulos. São nove ao todo, nesta ordem: O Ministro; A Cidade; Ponto de Inflexão; **O Prisioneiro; A Conversa**; Os Presidentes; **A Mediadora**; A Vítima e A Lei. Em Negrito destaquei as partes do texto em que aparece o uso da primeira pessoa.

A primeira vez que a narradora se coloca em cena é quando faz contato com o prisioneiro responsável pelo atentado a bomba, o jovem Daniel “Stefaans” Coetzee, na sala de visitas da prisão (SD 1) – somente no vigésimo parágrafo do texto. A descrição do cenário e do ambiente é detalhada, e inclui a sensação de frio que os dois sentem (SD2). Em seguida a narradora se coloca como ouvinte dos relatos de Coetzee (SD3), e cita indiretamente o resumo da história de vida que ele deve ter lhe contado. Esse ponto chama atenção porque foi a única vez no texto que aconteceu isso, ou seja, que ao invés de usar as formas de citação direta ou indireta típicas do texto jornalístico – com verbos de locução na terceira pessoa – a narradora se evidencia como recebedora do relato. Na mesma página, inclusive, temos vários exemplos do uso padrão da citação: “‘Eu adorava correr’, diz ele”;

“Sim, o hábito de violência é muito enraizado nessa cultura’, diz Marjorie Jobson” (p. 39 da edição).

As quatro ocorrências seguintes do uso primeira pessoa estão ligadas, por sinal, a esta personagem de destaque na narrativa: a médica Marjorie Jobson, responsável pela mediação do encontro entre Coetzee e sua vítima. Ela, inclusive, ganha um intertítulo no texto: “A Mediadora”. Com Marjorie, a narradora revela que pegou uma carona, definindo o espaço e tempo que passou com a médica (SD 4), quando a conversa entre elas chega (metaforicamente) no personagem principal (SD5).

O texto segue para explicar o processo legislativo iniciado pelo presidente, Thabo Mbeki, que culminaria na lista de 120 presos políticos que poderiam receber o perdão presidencial. São seis parágrafos sem registros na primeira pessoa. Então a narrativa volta para a perspectiva da narradora, já na casa de Marjorie Jobson. Depois de descrever o ambiente modesto (e cheio de livros) da moradia, há uma citação direta de uma fala da médica sobre as atividades do grupo Khulumani (ONG responsável por apoiar vítimas do apartheid), do qual faz parte. Após a citação, a narradora se coloca no texto para descrever o gesto da médica, concomitante ao ato da fala, que facilitou a situação de almoço das duas (SD 6). Depois, mais reprodução de falas da médica, e mais descrição de detalhes do almoço em que a narradora aparece no texto (SD 7).

Os últimos dois usos da primeira pessoa no texto estão relacionados a outro personagem, Tshepo Madlingozi – colega de Marjorie, professor assistente de direito na Universidade de Pretoria e coordenador do grupo Khulumani. O primeiro deles (SD 8) indica o encontro entre os dois (narradora e personagem) e a gentileza que este faz àquela, oferecendo uma xícara de chá. O segundo e último, revela como Madlingozi estava (SD 9), o riso, o olhar desafiador em direção à narradora – enquanto ele falava sobre o complicado processo de superação do racismo na prática e das dificuldades da reconciliação sincera.

Considerando os aspectos intratextuais, é interessante observar que o uso da primeira pessoa, ausente na maior parte do texto, foi utilizado em situações de contato entre a narradora (a repórter) e algumas das personagens (as fontes). Por isso, vale ressaltar que muitos fatos foram transmitidos em terceira pessoa: a descrição do atentado ocorrido em 1996; o breve histórico do crescimento econômico do país; vislumbres da preparação para a Copa do Mundo de 2010; o processo legislativo e jurídico que resultaria na possibilidade de perdão a presos políticos; e os relatos, descrições e falas relacionadas a outros personagens. O que não quer dizer que tais personagens fossem menos importantes, pois dentre eles está Olga Macingwane, dona de um intertítulo (“A Vítima”) no texto, e com cuja fala a narrativa é encerrada.

Antes do fim, toda a descrição do encontro entre algoz e vítima é feita em terceira pessoa, embora fique claro que a narradora estava perto, como testemunha: “Toma então seu assento. Enquanto seus colegas enxugam suas sobranceiras e se abanam por causa do calor, Olga mantém a compostura. O encontro acontece em um mistura de xhosa, africâner e inglês” (p. 78 da edição). Talvez, com a intenção de dar destaque ainda maior a esta personagem, a narradora tenha ficado próxima, mas “invisível” nessas cenas finais.

Análise de Reportagem 2: “Guardiões da Amazônia: os Caiapós ensinam como explorar e conservar a natureza”. Publicada em janeiro de 2014.

Matéria assinada por Chip Brown, com fotos de Martin Schoeller. A reportagem traz o ponto de vista de alguns líderes caiapós que são contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, e também conta a história recente desses índios que antes se matavam, e hoje se unem para enfrentar ameaças diversas à sua cultura.

O texto principal ocupa nove das 26 páginas reservadas para a matéria. Do restante, uma página apresenta um infográfico com mapa de ocupação das áreas próximas ao território caiapó, e outras 20 páginas são dedicadas a 12 fotos. Mais quatro fotos dividem quatro páginas de texto. A narrativa jornalística se passa na

aldeia Kendjam, próxima ao rio Iriri, no Pará. É de lá que o repórter relata alguns dos costumes caiapós, e dá voz principalmente às opiniões de Pukatire e Ropni, líderes de tribo, sobre os problemas enfrentados para preservar a floresta e a cultura indígena.

O texto foi agrupado em sete partes. Elas foram separadas entre si por espaçamento de meio centímetro e pelo início da primeira linha do primeiro parágrafo subsequente em caixa alta. A narrativa, ora foi realizada em primeira pessoa, ora em terceira. Na primeira parte do texto o narrador descreve a chegada “deles”, equipe de reportagem, à aldeia Kendjam no meio da floresta, e o primeiro contato com o líder Pukatire. Nos sete primeiros parágrafos encontram-se os seguintes registros em primeira pessoa:

Tabela 2. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 1

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
1	É tentador imaginar que estamos voltando no tempo, trocando os compromissos e os problemas do mundo moderno pela vida tribal em um dos últimos grandes redutos da cultura indígena.	Pronominal	Desinencial	Estar	Reflexão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
2	Depois de meia hora voando para o sul e oeste, observamos o sinuoso curso do barrento rio Branco (...)	Pronominal	Desinencial	Observar	Constatação/ Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
3	Abaixo de nós estão as terras dos índios caiapós, cinco regiões oficialmente demarcadas, que no total somam uma área de pouco mais de 100 mil quilômetros quadrados – o tamanho da Islândia.	Pronominal	Desinencial	Estar	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
4	Ao saltarmos do aparelho, uma dúzia de meninos, nus ou apenas de calções, aproximam-se, agachando-se à sombra das asas.	Pronominal	Desinencial	Saltar	Movimento/ Contato	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

5	Os meninos, tímidos, observam enquanto descarregamos a bagagem.	Pronominal	Desinencial	Descarregar	Ação/ Movimento/ Instalação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
6	Há presentes para nostros anfitriões: anzóis, fumo e 10 quilos de contas de boa qualidade feitas na República Tcheca.	Pronominal	Desinencial	Haver	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
7	Bárbara Zimmerman, (...), nos apresenta ao líder da aldeia, Pukatire, um sujeito de meia-idade que usa óculos, calções e sandália de borracha.	Pronominal	Desinencial	Apresentar	Apresentação/ Contato	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
8	Pukatire nos mostra ainda uma escola com duas salas de aula, erguida anos atrás pelo governo (...)	Pronominal	Desinencial	Mostrar	Apresentação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
9	É na varanda da escola que montamos nossas barracas.	Pronominal	Desinencial	Montar	Ação/ Instalação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Embora tenha iniciado o texto com uma reflexão pessoal, nesta primeira parte destaca-se o uso da primeira pessoa nos momentos de apresentação e contato com a tribo, além da localização do grupo que visita a aldeia Kendjam – grupo este indefinido pela exposição do narrador sempre na primeira pessoa do plural, sem identificar quem são exatamente as pessoas que observam o curso do rio (SD 2), saltam do avião (SD 4), descarregam a bagagem (SD 5), são apresentados ao líder da tribo (SD 7), e montam a barraca na varanda da escola (SD 9).

Na segunda parte do texto o destaque é o não uso do narrador em primeira pessoa. São seis parágrafos de um breve histórico do povo caiapó, do contato com os brancos e a diminuição da população no início do século XX até a década de 1970, quando houve refortalecimento e reorganização das diversas tribos em prol de

interesses comuns. O maior exemplo dessa união ocorre 1989, quando, segundo a reportagem, os caiapós protestaram de forma contundente e conseguiram cancelar a construção da barragem de Kararaô, no rio Xingu. A mesma que ressurgiu agora com o nome de Belo Monte, tratada no texto como mais uma ameaça à preservação da terra e o costumes indígenas. As outras, elencadas nas palavras de antropólogos e diretores de ONG, são desde os produtos e hábitos dos brancos, até a série de decretos e projetos de leis que iriam restringir ou diminuir os direitos indígenas garantidos constitucionalmente.

A terceira parte da matéria retorna para a perspectiva do narrador em primeira pessoa, de volta à aldeia, no dia em que ele e sua equipe (ainda indeterminada) acompanham uma caçada no meio da mata, e no retorno, conversam com o líder Pukatire. Os registros em primeira pessoa nestes 11 parágrafos são:

Tabela 3. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 2

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
10	Em nosso segundo dia na aldeia de Kendjam, vamos até o rio Iriri acompanhados de dois exímios caçadores caiapós: (...)	Pronominal	Desinencial	Ir	Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
11	Saimos em dois botes de alumínio motorizados, aptos para navegar por águas rasas na estação seca.	Pronominal	Desinencial	Sair	Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
12	Ao chegarmos a um trecho mais largo, com jeito de baía, Ôket segue para uma área aberta na margem oeste do Iriri e desliga o motor.	Pronominal	Desinencial	Chegar	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
13	Saltamos e trepamos com dificuldade pelo barranco.	Pronominal	Desinencial	Saltar/ Tregar	Movimento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

14	Depois de cinco minutos de me esquivar, esgueirar e retorcer em meio a uma confusão de fetos espinhosos e troncos caídos, parando a todo instante para me desvencilhar de cipós e convencer minhas glândulas adrenais que não há nenhuma surucucu peçonhenta escondida nos montinhos de folhas, (...)	Pronominal	Desinencial	Esquivar-se/ desvencilhar	Movimentação Ação/ Sufoco	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
15	(…), já não tenho a menor ideia de onde ficam o leste e o oeste, nem mesmo a direção em que está o rio. Tampouco sei como voltar sozinho ao barco.	Pronominal	Desinencial	Saber	Confissão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
16	Era algo tão óbvio para Meikâre como seria para mim achar a seção de carne congelada no mercado perto de casa.	Pronominal	Desinencial	Achar	Comparação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
17	Quando os alcanço , o caititu jaz morto sobre um leito de folhas.	Pronominal	Desinencial	Alcançar	Deslocamento/ Encontro	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
18	No meio da tarde, voltamos a Kendjam, navegando contra a correnteza do rio.	Pronominal	Desinencial	Voltar	Tempo/ Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
19	Nessa noite, o chefe Pukatire vem ao nosso acampamento com uma lanterna.	Pronominal	Desinencial	Ir	Encontro	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
20	Fico me perguntando se haviam lhe contado sobre a habilidade que pouco antes eu revelara ao me enfronhar na floresta, pois ele comenta que tinha um novo nome para mim : (...)	Pronominal	Desinencial	Perguntar-se	Reflexão/ Especação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

21	No entanto, da boca de Pukatire também ouço um lamento comum: “o que me preocupa mesmo são os jovens que imitam os brancos, cortando o cabelo e usando brinquinhos idiotas como os dos garotos da cidade. Nenhum deles sabe mais como fazer veneno para as flechas. (...)”	Pronominal	Desinencial	Ouvir	Mediação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
22	Está ficando tarde. Pukatire levanta e nos deseja boa-noite. O dia seguinte vai ser importante.	Pronominal	Desinencial	Desejar	Locução/ Despedida	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Nas primeiras quatro sequências é possível ver uma continuação do uso da primeira pessoa como sujeito indeterminado: verbos “ir”, “sair”, “chegar”, “saltar” e “trepar” flexionados na primeira pessoa do plural. Ao mesmo tempo, indicam a movimentação e os deslocamentos que o narrador – e sua equipe indeterminada, na companhia dos índios caçadores Ôket e Meikâre – realizam desde a saída da aldeia, passeando de barco pelo rio, até adentrar a mata fechada onde eles seguem os rastros de uma caça.

A “aventura” na mata é contada da perspectiva do narrador, desta vez na primeira pessoa do singular. As quatro sequências seguintes (SD 14 a 17) mostram ele se esquivando de fetos espinhosos, troncos, cipós, e assumindo medo de ser picado por cobras; confessando sua ignorância espacial dentro da floresta; comparando as formas de encontrar comida dele (no supermercado) e dos índios (na mata); e alcançando-os, finalmente, com o caititu (a caça) já morto. Alternam-se aí tanto o uso da primeira pessoa do singular para indicar os bastidores da caçada quanto para expressar as angústias e reflexões do narrador.

As sequências 18 e 19 situam o narrador e sua equipe (de novo o plural indeterminado) de volta na aldeia e estabelecem o encontro com o líder Pukatire. Já na sequência 20, após fazer citação direta de um comentário do chefe da tribo, o narrador começa a expor suas especulações sobre o que Pukatire pode ter ouvido

sobre ele na expedição do dia, já que acabara de ganhar um nome indígena. Um trecho que pode indicar protagonismo por parte do narrador, já que não dá sequência ao diálogo com o líder tribal, e ainda revela detalhes de ordem mais pessoal e fora do contexto. Inclusive, utilizou o pronome pessoal “eu”. Vale a releitura: “Fico me perguntando se haviam lhe contado sobre a habilidade que pouco antes eu revelara ao me enfrontar na floresta, pois ele comenta que tinha um novo nome pra mim” (p. 39 da edição). Ainda que a referência a tal habilidade possa ser entendida de forma irônica, o fato é que o narrador ocupou algumas linhas de texto para falar de si mesmo e do novo nome que recebeu: “*Rop-krore*, o termo que os caiapós usam para referir-se à onça pintada” (p.39 da edição).

Em seguida temos três parágrafos que contam a história de Pukatire, sem registros do narrador em primeira pessoa, exceto para dar voz a um lamento do chefe indígena (SD 21). Ao final desta parte, um último registro em primeira pessoa do plural aparece para receber a ação de despedida de Pukatire, e assim se encerra a narrativa do dia e do bloco de texto.

A quarta e quinta parte do texto não tem registros em primeira pessoa. Tratam principalmente, e respectivamente, do histórico recente da construção da usina de Belo Monte e do encontro de líderes caiapós para tratar de ofertas (em produtos ou dinheiro) que os povos do leste possam estar recebendo do consórcio construtor.

A sexta parte do texto estabelece o contato desses líderes e a equipe de reportagem, além de revelar que houve uma assinatura formal de um documento (meses depois), por parte dos índios, recusando as ofertas do consórcio construtor. Há apenas dois registros de uso da primeira pessoa, ambas no plural, servindo para situá-los no tempo, espaço, ambiente:

Tabela 4. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 3

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
23	Durante três noites, Pukatire leva Raoni, Mekaron-Ti e Yte-i às nossas barracas, e ali, na	Pronominal	Desinencial	Levar	Tempo/ localização/ ambientação	Bastidores

	varanda da escola, eles ficam fumando cachimbo, tomando café e contando histórias, enquanto morcegos voavam ao redor da luz fraca de uma lâmpada fluorescente.	Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
24	Então grita para que lhe tragam mais café e, claramente agitado, leva a sua caneca para a ponta da varanda, longe do círculo de cadeiras escolares onde estamos sentados.	Pronominal	Desinencial	Estar	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

A última parte do texto traz a subida do grupo (indefinido) ao monte Kendjam, um passeio do qual o narrador se utiliza para fazer as reflexões finais sobre o modo de vida indígena e a situação geral daquele povo. Eis o que foi registrado em primeira pessoa:

Tabela 5. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 2 – Parte 4

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
25	DE ALGUM MODO, a notícia circulou. O cara-pálida sem buracos nas orelhas está a caminho do monte Kendjam. Sou eu.	Pronominal	Desinencial	Ser/ Estar	Descrição	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
26	São 2 e meia da tarde e, antes que o nosso grupo chegue à metade do trajeto até a pista de pouso, estamos já acompanhados de um bando de crianças, (...)	Pronominal	Desinencial	Chegar/ Estar	Tempo/ Deslocamento/ Companhia	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
27	O menino está apenas de calção – em acentuado contraste comigo , de botas, chapéu, calças, compridas, óculos, escuros, lambuzado de protetor solar fator 3	Pronominal	Desinencial	Estar	Descrição/ Comparação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			

	milhões e com três faixas na cabeça para absorver bíblicas torrentes de suor.	Singular	Plural			
28	Caminhamos em fila única por um tempo, e então as crianças nos ultrapassam, enxameando ao redor de uns arbustos altos.	Pronominal	Desinencial	Caminhar	Movimento/ Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
29	Todas as crianças já se encontram no topo, tendo ao fundo o céu azul-leitoso. Resfolegando, dou os últimos passos na direção deles.	Pronominal	Desinencial	Dar	Movimento/ Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
30	Quando todos começamos a voltar, ele sai correndo na frente, (...)	Pronominal	Desinencial	Voltar	Movimento/ Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
31	(...), e eu me vejo pensando sobre a noite em que os chefes foram embora, quando um dos guias, Djyti, veio nos visitar e fizemos a ele uma pergunta crucial. “É possível ser caiapó e não viver na floresta?”	Pronominal	Desinencial	Ver-se/ Pensar	Reflexão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
32	Podemos nos perguntar se um indivíduo com um cocar de penas de papagaio e protetor de pênis é de fato mais valioso do que outro trajando calção de ginástica e camiseta com a cara do Batman.	Pronominal	Desinencial	Perguntar-se	Questão retórica/ Reflexão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
33	Meu amiguinho de 4 anos volta correndo por todo o caminho até a sua choça muito antes de eu me esfalfar rumo ao trecho mais fácil perto da pista de aviação.	Pronominal	Desinencial	Esfalfar	Esforço/ Movimento/ Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

A parte final do texto começa com o narrador se posicionando rumo à subida do monte Kendjam, e se identificando da forma mais veemente possível: “Sou eu” (p. 46 da edição). Logo adiante ele (e o grupo) se junta a muitas crianças e ele compara os trajés de um menino de 4 anos com os dele (SD 27), deixando evidente o contraste entre os dois.

As sequências 26, 28, 29 e 30 cuidam da definição do tempo, dos deslocamentos até o topo do monte, e a respectiva volta do grupo (sempre indeterminado). Então o narrador recoloca em cena o menino de 4 anos, correndo na sua frente, servindo de mote para pensar sobre a vida na floresta (SD 31) – e conseqüentemente, compartilhar de seus pensamentos com o leitor.

Em seguida – após citar ensinamentos e ideias gerais da antropologia sobre assimilação e adaptação de culturas – o narrador se utiliza da primeira pessoa do plural para incluir o leitor em uma questão retórica (SD 32) e encaminhar os dois últimos parágrafos em tom opinativo.

Destaca-se nestes últimos parágrafos de opinião – evidente pelo uso de adjetivos valorativos como “complexos”, “irônicos”, “extraordinário”, “insaciável”, “difícil” e “perfeita” – que a escrita não fez uso da primeira pessoa para transmitir dúvidas e opiniões. De fato, só foi usada para identificar o menino índio outra vez, indicando certa intimidade (“Meu amiguinho”) e para relatar mais um deslocamento rumo à pista de decolagem do avião (SD 33).

Os trechos tipicamente opinativos (inclusive, identificado em outras partes da narrativa) foram escritos em formato impessoal, em terceira pessoa. O último período do texto é exemplar nesse sentido: “Ainda assim, é difícil imaginar uma vida mais perfeita para um menino dessa idade do que a liberdade de um caiapó em suas terras” (p. 47 da edição). A frase poderia tranquilamente ser iniciada com uma construção em primeira pessoa, sem que perdêssemos o sentido original. Por exemplo: “Ainda assim, **acho/ considero** difícil imaginar (...)”.

Mas como visto nessa matéria, a primeira pessoa foi usada principalmente no plural exclusivo (o “Nós” que exclui o interlocutor, e refere-se ao narrador mais alguém) e indeterminado, já que o grupo do qual o narrador fazia parte nunca era identificado. Ainda, essa primeira pessoa do plural foi utilizada majoritariamente para descrever deslocamentos/ movimentos da equipe de reportagem.

Análise de Reportagem 3: “Cuba: O Novo Agora”. Publicada em novembro de 2012.

Matéria assinada por Cynthia Gourney, com fotos de Paolo Pellegrin. A reportagem aborda as mudanças sentidas ou esperadas pela população cubana quatro anos após a saída definitiva de Fidel Castro do poder. O texto traz a opinião de alguns personagens que vivem a realidade cubana e como eles encaram as reformas promovidas por Raul Castro – novo comandante em chefe do país. A narrativa, realizada principalmente em primeira pessoa, divide os personagens explicitamente entre otimistas e pessimistas, colocando em debate as diversas expectativas e considerações sobre o regime.

Dentre os personagens está o pessimista Eduardo, a quem a narradora chama de amigo. É com a história dele que ela abre e fecha o texto de 12 páginas. Começa com a preparação deste cubano que pretende fugir da ilha em um barco a motor, e finaliza com a constatação feita pela narradora, meses depois, de que a tentativa foi malograda. No desenvolvimento da narrativa estão opiniões de otimistas como Roberto Pérez, biólogo de 41 anos, entusiasmado com o progresso dos projetos cubanos de agricultura urbana e cultivo orgânico; e também de Josué Lopez, quem acaba de chegar a Cuba, depois de seis anos em Miami – e encontra-se abrindo negócio próprio, aproveitando as recentes leis sobre trabalho autônomo.

Além de trazer opiniões alheias, o texto faz resumos históricos da situação política cubana e principalmente do cenário socioeconômico, após o colapso da União Soviética e o endurecimento dos embargos econômicos promovido pelos Estados Unidos. Mas o destaque fica para as mudanças recentes na economia cubana que sinalizam uma abertura ao capital externo e à atividade privada, como a autorização governamental para 181 categorias profissionais específicas de trabalho por conta própria. Dentre as medidas mais discutidas no texto está a implantação do CUC (abreviação de peso cubano conversível, uma das moedas oficiais do país), que já vigorava em Cuba havia uma década, e está ligada a aquisição de mercadorias e serviços relativos ao estrangeiro – uma forma de atrair dólares dos turistas.

Ocorre que esta segunda moeda provoca uma situação desigual em Cuba, uma “confusão”, nas palavras da narradora. Isso porque os cubanos que trabalham para o Estado (80% da força de trabalho do país, segundo a reportagem) recebem em peso nacional, que equivale a 1/24 do CUC. Porém, os produtos e serviços de melhor qualidade são vendidos em CUCs, que valem muito mais. Para obtê-los, os cubanos acabam fazendo bico em serviços para os turistas. É o caso do Dr. M, codinome de um médico, personagem que a narração utiliza para ilustrar como os anos de medicina (cuja formação foi gratuita) agora lhe rendem um salário numa moeda de valor muito inferior ao que recebe como taxista nas horas vagas.

É tentando entender as contradições de um sistema e as complexas transformações por que passam os cubanos que a narradora assume um tom mais pessoal durante os 52 parágrafos do texto. Ao todo a matéria usa 32 páginas da edição, sendo 18 páginas dedicadas exclusivamente a 9 fotos; 2 páginas de infográfico, com mapa e informações econômicas da ilha; e 12 páginas do texto assinado por Cynthia Gourney, com mais 4 fotos dividindo a metade do espaço de 4 dessas páginas. O texto foi agrupado em seis partes, separadas entre si por recuo de meio centímetro e pelo início da primeira linha do primeiro parágrafo subsequente em caixa alta. Resolvi agrupar os registros do uso da primeira pessoa também em seis partes, de modo a facilitar a visualização dos dados e a análise.

Na primeira parte do texto, encontram-se os seguintes registros:

Tabela 6. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 1

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
		Pronominal	Desinencial			
1	“Quero mostrar onde está escondido”, diz Eduardo. Péssima ideia, penso . Alguém vai reparar na gringa e estragar o plano.	Sujeito	Objeto	Pensar	Opinião	Expressão Pessoal
		Singular	Plural			
		Pronominal	Desinencial			
2	É um Plymouth 1956 de cor tão pouco discreta que não resisto a uma gozação.	Sujeito	Objeto	Resistir	Confissão	Expressão Pessoal
		Singular	Plural			
		Pronominal	Desinencial			

3	Abro a porta do lado do passageiro com delicadeza, como os cubanos sempre recomendam, em respeito à idade avançada dos seus veículos.	Pronominal	Desinencial	Abrir	Ação/ movimento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
4	Seguimos pela costa, a certa distância de Havana, (...)	Pronominal	Desinencial	Seguir	Movimento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
5	Ele olha concentrado pelo retrovisor a rua vazia atrás do nosso carro, por isso me calo .	Pronominal	Desinencial	Calar-se	Justificativa	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
6	É um ex-trabalhador da construção civil, mas no dia em que nos conhecemos ele estava dirigindo um sedan coreano emprestado, (...)	Pronominal	Desinencial	Conhecer	Contato/ Estado	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
7	Nos meses decorridos desde então, nos habituamos a interromper um ao outro aos gritos, (...)	Pronominal	Desinencial	Habituarse	Estado/ condição	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
8	(...) enquanto rodamos pela província de La Habana (...)	Pronominal	Desinencial	Rodar	Movimento/ Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
9	(...) discutindo um país hipotético que batizamos de Nova Cuba em Transformação.	Pronominal	Desinencial	Batizar	Nomeação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
10	Ele diz que essa Cuba não existe. Insiste nisso. Replico que outros garantem que existe, sim.	Pronominal	Desinencial	Replicar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
11	Menciono as muitas reportagens que li com títulos como "Mudança na Cuba pós-fidel" (...)	Pronominal	Desinencial	Mencionar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

12	Cito as alardeadas novas regras para flexibilizar a economia controlada da Cuba socialista (...)	Pronominal	Desinencial	Citar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
13	"Tudo isso é em benefício desses caras", Eduardo me diz , dando um tapinha no ombro, (...)	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
14	"Viva Cuba Livre", resmunga Eduardo, imitando a exortação revolucionária que vemos pintada no alto de um muro.	Pronominal	Desinencial	Ver	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
15	(...) - e por todo o país vemos cubanos travando sua própria versão desse debate - (...)	Pronominal	Desinencial	Ver	Constatação/ Inclusividade	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
16	(...) Eduardo me diz , estava claro para ele que a vida adulta na Cuba revolucionária não oferecia nada na esfera do progresso pessoal e conforto material que ele almejava.	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
17	Nas minhas nove semanas viajando por Cuba este ano e no ano passado, (...)	Pronominal	Desinencial	Viajar	Tempo/ Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
18	(...) ouço essa queixa com tanta frequência e de tão variados tipos de pessoa (...)	Pronominal	Desinencial	Ouvir	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
19	É verdade que há otimistas autênticos (...), sempre que encontro um deles e ouço seus argumentos, (...)	Pronominal	Desinencial	Ouvir	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
20	(...) me pego acumulando munição para debater com Eduardo.	Pronominal	Desinencial	Pegar-se	Confissão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
21	Quero ouvir sua resposta, mas quando sou honesta comigo mesma percebo que também quero convencê-lo a desistir do barco para os Estados Unidos.	Pronominal	Desinencial	Querer	Vontade/ confissão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

22	Pérez é seis anos mais velho que Eduardo. Ele me diz que 80% de sua turma do ensino médio deixou o país.	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
23	Uma manhã, estamos discutindo em um café na parte histórica de Havana.	Pronominal	Desinencial	Discutir	Estado/ Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
24	Eduardo larga o objeto e me conta que conseguiu uns remos.	Pronominal	Desinencial	Contar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
25	Eduardo não tem nada disso. Pensei que ele fosse me pedir ajuda, em dinheiro ou o convite, mas não.	Pronominal	Desinencial	Pensar	Expectativa/ opinião	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
26	E agora estamos aqui, fitando um saleiro e matutando sobre o filho de Eduardo, (...)	Pronominal	Desinencial	Estar	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
27	Digo -lhe que pare com essa bobagem, pois ele ainda vive em um Estado unipartidário, (...)	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
28	É que só estamos tendo essa conversa em público porque o garçom do café é amigo dele (...)	Pronominal	Desinencial	Estar	Estado/ condição/ localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
29	Portanto, Esqueça. Sinto Muito. Nada de nome verdadeiro no texto.	Pronominal	Desinencial	Sentir	Confissão/ revelação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
30	E nos calamos .	Pronominal	Desinencial	Calar-se	Estado	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Se na primeira reportagem analisada não encontramos indícios do uso da primeira pessoa para exprimir opiniões do próprio narrador, desta vez o texto se inicia com um juízo de valor feito pela narradora, evidente na flexão do verbo pensar (SD1). “Penso, logo existo”, a famosa frase de René Descartes, que anuncia a verdade primeira, o sujeito pensante, aplica-se bem ao foco narrativo analisado. De pronto a narradora se coloca em cena. “Alguém vai reparar na gringa (...)” (p. 46). Sem dúvida. São mais seis sequências discursivas nessa primeira parte indicando opiniões, justificativas, confissões e expectativas dela (SD 2, 5, 20, 21, 25 e 29), com a narradora enquanto sujeito – já de volta na acepção lingüística do termo – aparente na flexão de nove verbos na primeira pessoa do singular.

Essa mesma fórmula de aparecimento da narradora (como sujeito, evidente na desinência do verbo, flexionado na primeira pessoa do singular) foi usada também para transmitir aspectos mais objetivos da reportagem em Cuba, revelando bastidores da apuração ao colocar no texto ações simples como abrir a porta de um carro (SD 3); pontuar constatações feitas pela jornalista (SD 18 e 19); ou revelar o conteúdo falado em diálogos com o personagem Eduardo. Aliás, as conversas com o cubano são a tônica desta primeira parte da narrativa. As construções em primeira pessoa do singular revelam esse diálogo tanto colocando a narradora como sujeito (SD 10, 11, 27) ou como objeto (SD 16, 22, 24) dos verbos de locução. Ou seja, o mesmo verbo “dizer”, por exemplo, é usado para indicar que a narradora disse algo a alguém, como constatar que alguém lhe disse algo também. No caso, esse alguém foi quase sempre Eduardo. A exceção ficou por conta do contato com o biólogo Roberto Pérez, a quem a narrativa coloca como otimista em relação ao futuro do país.

É com Eduardo que a repórter passa a maior parte do tempo, com quem interage e com quem está nos diferentes espaços (locais) apresentados nessa primeira parte do texto. Isso foi explicitado com verbos na primeira pessoa do plural, presente em 10 das 30 sequências discursivas registradas. Juntas, elas indicam: como se conheceram (SD 6); deslocamentos que os dois fizeram (SD 4 e 8); coisas que viram (SD 14) ou nomearam (SD 9); lugares onde estiveram (SD 23, 26, 28);

hábitos da dupla (SD 7) e o momento em que ambos se calam, encerrando o último parágrafo dessa primeira parte.

Vale destacar ainda, desse primeiro bloco de texto, três ocorrências distintas em relação ao uso da primeira pessoa. Primeiramente o uso do pronome possessivo “minhas” (SD 17) em uma construção que deixou explícito o tempo de apuração *in loco* da reportagem; Depois, o uso da primeira pessoa do plural inclusiva, colocando o leitor na constatação que a narradora faz do debate existente em Cuba sobre a transformação do país (SD 15). E por último, a revelação de um detalhe, a confissão de uma recusa (SD 29), por parte da autora, de escancarar o nome verdadeiro de Eduardo na matéria – mesmo diante da liberação deste.

Na segunda parte do texto, foram encontrados 11 usos da primeira pessoa:

Tabela 7. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 2

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
31	A CIDADE TODA parece estar brilhar esta manhã com Eduardo, apesar de ter ocorrido um <i>derrumbe</i> no bairro em que estou hospedada.	Pronominal	Desinencial	Estar	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
32	Eduardo acha que o número de mortes no prédio que caiu no meu bairro é 21.	Pronominal	Desinencial	-	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
33	Mas eu li o Granma, o diário oficial do Partido Comunista, (...)	Pronominal	Desinencial	Ler	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
34	Enxames de turistas descem dos ônibus, de mapa na mão, e pelo que vejo parecem estar se divertindo, (...)	Pronominal	Desinencial	Ver	Opinião	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

35	Na rota do cortejo, funcionários públicos estão limpando e pintando as fachadas com tanta assiduidade que ouço dizerem que o papa deveria aparecer mais vezes (...)	Pronominal	Desinencial	Ouvir	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
36	Pesadonas construções inacabadas aparecem esparsas nas cidades – os <i>antiderrumbes</i> , eu as batizei , pois para elas o país aloca seus escassos recursos de investimento.	Pronominal	Desinencial	Batizar	Nomeação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
37	A maioria dos cubanos com quem falo parece mesmo possuída pela idéia da possibilidade.	Pronominal	Desinencial	Falar	Locução / Conversação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
38	“Esse é o nosso grande desafio”, Veiga me diz.	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
39	“Todos nós somos sujeitos de um experimento”, me conta filosoficamente certa noite, (...) uma mulher do meio artístico, de 58 anos e nível universitário.	Pronominal	Desinencial	Contar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
40	Ela sorri e olha por cima dos óculos para se assegurar de que estou prestando atenção em sua fala.	Pronominal	Desinencial	Estar	Estado	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
41	Ela tem um filho, dez anos mais novo do que meu amigo Eduardo.	Pronominal	Desinencial	Ter	Circunstância/ Comparação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Apesar de mencionar Eduardo já na primeira frase do parágrafo inicial, a segunda parte do texto tem outros personagens em evidência, entre eles o advogado eclesiástico e editor, Roberto Veiga. Mas os oito parágrafos dessa parte são mais descritivos e trazem um pouco do testemunho da narradora sobre a cidade

de Havana, reconstituições da história de Cuba, bem como informações mais técnicas da ilha (população, tamanho).

Do uso da primeira pessoa, o que salta aos olhos nesta parte é o fato de todas as ocorrências estarem no singular. E dessas 11 sequências discursivas, três foram usadas para expressar algo próprio do autor: sua opinião (não muito convicta) sobre o que vê dos turistas (SD 34); o nome que ela deu às construções históricas da cidade que recebem maiores investimentos do governo para permanecerem de pé – os *antiderrumbes* (SD 36); e quando usa o pronome possessivo “meu” confirmando que Eduardo é mesmo mais próximo dela, que ele é seu amigo (SD 41).

Os outros oito usos foram mais objetivos, relevando bastidores da reportagem. Duas sequências referem-se à localização da repórter, o bairro onde ela se hospeda – e onde ocorre um desmoronamento de um prédio (SD 31 e 32). Outras quatro são usadas em situação de diálogo com as fontes, personagens (SD 37 a 40). E outras duas indicam o modo como a repórter constatou algumas informações/ situações, seja lendo no jornal (SD 33) ou ouvindo pessoas indefinidas (SD 35).

Antes de analisarmos a próxima parte, importante mencionar que o primeiro parágrafo sem qualquer registro em primeira pessoa ocorreu justamente nesta segunda parte, quando – no vigésimo parágrafo geral do texto – a narrativa transmitiu dados sobre a população do país, distância até os Estados Unidos e duas versões breves (e concorrentes) sobre a história da revolução cubana.

Nos nove parágrafos da terceira parte do texto, a tendência a uma rarefação do uso da primeira pessoa continua, já que encontramos apenas cinco sequências discursivas com marcas do narrador explícitas.

Vejamos na tabela a seguir:

Tabela 8. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 3

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
42	Eis algumas coisas que já vi cubanos fazerem com a <i>libreta</i> : (...)	Pronominal	Desinencial	Ver	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
43	Certa noite, eu estou na casa de um sacerdote da santeria, a prática religiosa afro-cubana (...)	Pronominal	Desinencial	Estar	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
44	Eu tento me controlar depois de ter visto o sacerdote realizar uma cerimônia de iniciação que incluiu cortar o pescoço de pombos e galinhas (...)	Pronominal	Desinencial	Controlar-se	Confissão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
45	E assim chegamos ao aspecto da Cuba atual que leva todo <i>yuma</i> (estrangeiro) a precisar de uma calculadora, uma aspirina e um curso intensivo de história cubana recente. *	Pronominal	Desinencial	Chegar	Referência no texto/ assunto	-
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
46	Mas foram os cubanos que me ensinaram a cômica filosofia nacional sobre o emprego público: “Eles fingem que nos pagam. Nós fingimos que trabalhamos”.	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Os dois primeiros parágrafos desta parte falam – sem vestígios da primeira pessoa do discurso – sobre as mudanças ocorridas recentemente na política econômica de Cuba, as medidas tomadas por Raul Castro para abrir o país aos poucos ao capitalismo, e uma explicação sobre a *libreta* (a caderneta que cada cidadão tem para controlar os gêneros alimentícios subsidiados pelo Estado).

Então a repórter se coloca de volta no texto para enumerar o que já constatou ver os cubanos fazerem com a *libreta* (SD 42). Depois se localiza em uma casa de um personagem indefinido, “um sacerdote” (SD 43) e revela um desconforto próprio ao vê-lo cortar pescoços de aves (SD 44).

Antes de voltar a falar de economia, mais especificamente, de explicar o que é e como funciona a segunda moeda cubana (o CUC), a narradora usa a primeira pessoa do plural inclusiva para localizar o leitor no texto e no assunto (SD 45), e ainda chama a atenção dele para o tema. Inclusive, há uso da segunda pessoa do discurso: “Mas, para poder avaliar as complicadas negociações pela sobrevivência que dominam o cotidiano de tantos cubanos em anos recentes, **você** precisa ter uma noção da esquisitice essencial do caso” (p. 60 da edição – grifo meu).

Então a narrativa dá um breve histórico do CUC e de como fora implantado, e traça um painel comparativo entre os valores reais das duas moedas cubanas, conforme já relatei anteriormente. Dois parágrafos também sem ocorrência da primeira pessoa do discurso.

No último parágrafo dessa parte a narradora volta a se colocar no texto. Desta vez como recebedora de um ensinamento sobre o funcionalismo público cubano, dito pelos próprios cubanos (SD 46).

A quarta parte do texto se passa na cidade de Santa Clara, quando a repórter explora mais a questão da diferença entre pesos cubanos e CUCs, ilustrando – através do Dr. M, e também pelas suas observações – as contradições e consequências dessa segunda moeda no país.

São seis parágrafos e mais dez registros do uso da primeira pessoa, todos eles indicando situações de bastidores da reportagem.

Vejamos na tabela 9:

Tabela 9. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 4

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
47	NA CIDADE DE SANTA CLARA, cuja principal atração é um monumento ao mártir Ernesto “Che” Guevara, passo uma tarde com um médico que atende emergências em domicílio.	Pronominal	Desinencial	Passar	Espaço/ Tempo	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
48	“O caminhãozinho de controle remoto que eu queria para meu filho?”, diz o dr. M. ao meu lado, espichando o pescoço diante do gigantesco pedestal do monumento. “Quarenta CUCs!”	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução/ Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
49	Quando conheci o dr. M., (...)	Pronominal	Desinencial	Conhecer	Contato / Encontro	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
50	(…) eu já tinha pesquisado tantos preços no insólito mercado cubano que meus cadernos estavam cheios de números: (...)	Pronominal	Desinencial	Pesquisar	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
51	(…) porque seus anos de estudo para servir à pátria produzem salários “no dinheiro que não vale nada”, como me lembrou um caixa de banco cubano.	Pronominal	Desinencial	Lembrar	Enunciação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
52	O dr. M. e eu estudamos o objeto que Che Guevara tem em sua mão gigante lá em cima.	Pronominal	Desinencial	Estudar	Observação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
53	Concluímos que é uma granada de mão e vamos para o museu.	Pronominal	Desinencial	Concluir/ Ir	Constatação/ Movimentação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
54	Ao passarmos pelos mostruários envidraçados que contêm os periódicos médicos e o jaleco de Che, (...)	Pronominal	Desinencial	Contar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

55	(...), dou uma olhada para o Dr. M. Nos 15 anos desde que as cinzas do Che foram levadas para Santa Clara, essa é a primeira vez que ele entra no museu.	Pronominal	Desinencial	Olhar	Observação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
56	Mas se mantém calado e impassível e, ao sairmos , ele diz: (...)	Pronominal	Desinencial	Sair	Movimento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Nesta parte do texto chama atenção que os primeiros registros estão na primeira pessoa do singular, e os últimos no plural – quase todos ligados ao passeio que a repórter faz com o personagem Dr. M nessa tarde em Santa Clara. No singular ela confirma o local e o tempo que passa com ele (SD 47); que ele está a seu lado observando um preço de um brinquedo (SD 48); quando o conheceu (SD 49) e a observação que ela faz do Dr. M quando já estão dentro de um museu (SD 55).

Já a primeira pessoa do plural é usada mais uma vez na forma exclusiva e definida. São apenas os dois que observam um objeto na estátua de Che Guevara (SD 52); que tiram conclusões juntos sobre o que é o objeto (SD 53); que vão para o museu (SD 53); que se movimentam lá dentro (SD 54) e de lá saem (SD 56).

As duas observações isoladas que podemos fazer dessa parte estão nas sequências 51 e 48. Na SD 51 a narradora conclui um pensamento sobre o número de profissionais com excelente formação que estão dirigindo táxis em Cuba, usando uma frase de um caixa cubano, ressaltando que foi ele (personagem indefinido) quem disse isso a ela. Um trecho em que a primeira pessoa foi utilizada, podemos concluir, por questão de honestidade intelectual da autora.

Já na SD 48 temos a revelação dos bastidores da apuração feita pela narradora que poderia indicar certo protagonismo. No trecho ela usa o “eu” explícito

para deixar claro o quanto pesquisou e anotou sobre os preços de mercadorias em CUC.

Na quinta e penúltima parte, Eduardo volta a ser mencionado, mas são outros personagens que ganham destaque, ainda para ilustrar o que acontece na nova economia cubana, mostrar mais perspectivas. São mais 14 parágrafos e 18 seqüências com registros em primeira pessoa:

Tabela 10. Registros de Seqüências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 5

N.	SEQÜÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQÜÊNCIA	CATEGORIA
57	Eduardo me conta que a partida do barco está finalmente marcada, (...)	Pronominal	Desinencial	Contar	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
58	Quando estive fora de Havana, no interior da ilha, de vez em quando apareciam mensagens de texto com o número dele em meu telefone temporário cubano: (...)	Pronominal	Desinencial	Estar	Localização	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
59	Tenho caminhado bastante, ou posto frágeis capacetes e subido (sem nenhuma prudência) na garupa de mototáxis não licenciados.	Pronominal	Desinencial	Caminhar/ Pôr/ Subir	Movimentação/ Deslocamento	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
60	Aos meus olhos de forasteira, a Nova Cuba em Mudança parece ao mesmo tempo real e desconjuntada, como se um imenso mercado de pulgas tivesse sido desbaratado e se espalhasse por todo o país.	Pronominal	Desinencial	Parecer	Opinião	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
61	Vejo pequenos estabelecimentos que antes eram geridos pelo Estado, mas agora, em fase de experiência, deixaram de sê-lo: (...)	Pronominal	Desinencial	Ver	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

62	Encontro um afável ex-professor de matemática do ensino médio, de 42 anos, (...)	Pronominal	Desinencial	Encontro	Apresentação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
63	(...) Diz um dos donos, Héctor Higuera Martínez, de 39 anos, na tarde em que passo por lá.	Pronominal	Desinencial	Passar	Tempo	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
64	Higuera faz um gesto para alguém e em pouco tempo me entrega uma magnífica salada, com alface viçosa e frango desfiado polvilhado com chocolate.	Pronominal	Desinencial	Entregar	Alimentação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
65	É fácil imaginar o dinheiro entrando e saindo de casa, e parte do que me desnor-teava nas primeiras semanas em Cuba agora começa a ficar compreensível.	Pronominal	Desinencial	Desnor-tear	Preocupação/ Reflexão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
66	Como nem todo cubano dirige táxi ou serve turistas no balcão, eu me perguntava toda vez que examinava a profusão de mercadorias oferecidas por toda parte aos cubando: onde afinal eles arrumam CUCs?	Pronominal	Desinencial	Perguntar-se	Reflexão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
67	Se você olhar em volta e não vir coisas que pode levar pra casa ou revender”, me diz convicta uma mulher na casa dos 40 de um bairro operário (...)	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
68	“Ainda não sabemos como será”, me conta um economista veterano da Universidade de Havana, Juan Triana Cordoví, quando pergunta sobre a diretriz número 3.	Pronominal	Desinencial	Contar/ Perguntar	Locução/ Conversa	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
69	Imagino que essas diretrizes, promulgadas com grande pompa, podem ser vistas, de certa perspectiva, como mais um saleiro com pouco sal.	Pronominal	Desinencial	Imaginar	Especulação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

70	O que ele e a sócia Laura diriam, pergunto , se pudessem conversar em pessoa com um cubano que conheço , (...)	Pronominal	Desinencial	Perguntar	Indagação/ Conversa	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
71	Já ouvi isso antes de outros cubanos diante da mesma pergunta (...)	Pronominal	Desinencial	Ouvir	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
72	(...) e ainda me surpreendo um pouco.	Pronominal	Desinencial	Surpreender-se	Confissão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
73	Esperava ouvir a palavra gusano, verme, que em outra época era a famosa decompostura pública para quem abandonasse a revolução.	Pronominal	Desinencial	Esperar	Expectativa	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
74	Mas nunca ouvi . Agora todo mundo diz que compreende.	Pronominal	Desinencial	Ouvir	Constatação	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

Neste trecho volta a perspectiva mais destacada da narradora. Todos os registros estão na primeira pessoa do singular e na maior parte deles a repórter é o sujeito da oração (em 12 das 18 ocorrências), sendo que em duas dessas há construções reflexivas, ou seja, em que a narradora é sujeito e objeto da mesma ação. Por sinal, são duas sequências classificáveis na categoria “Expressão Pessoal”, já que a narradora confessa que se surpreende com uma resposta corrente dos entrevistados (SD 72) e se pergunta (reflete) sobre uma situação e expõe uma dúvida pessoal (SD 66).

Aliás, há mais quatro sequências classificadas desse modo, já que o uso da primeira pessoa revela mais da autora do que dos bastidores da reportagem: quando ela particulariza a opinião sobre o que a “Nova Cuba” parece, a seus olhos (SD 60); quando revela que parte da situação econômica do país, que a desnorreava, começava a ficar compreensível (SD 65); quando especula, opina

sobre um pacote de diretrizes (leis) promulgadas recentemente pelo governo – utilizando-se inclusive de uma metáfora (SD 69); e por último, quando revela uma expectativa frustrada (SD 72), ao não ouvir o que ela esperava de resposta quando perguntasse aos cubanos opinião sobre as pessoas que pretendem fugir do país.

Como sujeito, no singular, a narradora constata que nunca ouviu (SD 74) essa resposta tratando o pretende a fuga de traidor – que pelo contrário, já ouviu palavras de incentivo nesse sentido (SD 71). Outras sequências nesse formato (sujeito, singular, aparente na desinência do verbo) revelam mais bastidores da reportagem. Revelam, por exemplo: que ela esteve fora da capital (SD 58); que caminhou bastante e se locomoveu de mototáxi (SD 59); que viu muitos estabelecimentos comerciais sendo geridos pelos empregados, e não mais pelo Estado (SD 61); que encontrou um ex-professor de matemática vendendo roupas de bebê (SD 62); que passou uma tarde com Héctor Higuera Martinez (SD 63), um dos donos de um restaurante sofisticado, voltado para turistas – atividade permitida já algum tempo pelo governo.

É no restaurante de Héctor que ela recebe uma “magnífica salada” (SD 64). E há outros bastidores revelados com a narradora aparecendo como objeto da oração, sempre no singular, explícito no pronome oblíquo. Tais sequências são construídas com os verbos de locução “contar” e “dizer”. Um economista conta a ela das duas possibilidades de se implantar a propriedade privada em Cuba (SD 68). Uma mulher diz à repórter que um emprego público sem objetos aparentes para furtar não é bom (SD 67). E Eduardo, que conta para a narradora (e amiga) que a fuga está marcada e próxima de acontecer (SD 57).

É falando sobre a fuga de Eduardo que a narrativa se encerra, com o maior número de elementos em primeira pessoa por parágrafo (se pudermos criar essa unidade de “medida”) das edições analisadas. Foram 19 verbos flexionados na primeira pessoa do singular distribuídos em três parágrafos. Resolvi reuni-los nas unidades de registro de análise seguintes:

Tabela 11. Registros de Sequências Discursivas em Primeira Pessoa da Reportagem 3 – Parte 6

N.	SEQUÊNCIA DISCURSIVA	FORMA DE EXPOSIÇÃO DO NARRADOR		VERBO PRINCIPAL	IDEIA DA SEQUÊNCIA	CATEGORIA
75	UMA SEMANA DEPOIS, volto pra casa e espero que Eduardo me ligue a cobrar de alguma parte do sul da Flórida, como combinamos .	Pronominal	Desinencial	Esperar	Expectativa	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
76	Duas semanas se passam e nada de telefonema. Depois outra e mais outra. Começo a ficar angustiada.	Pronominal	Desinencial	Angustiar	Sensação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
77	Tento falar no telefone de Havana que Eduardo vinha usando, mas ninguém responde.	Pronominal	Desinencial	Tentar	Ação/ Contato	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
78	Tomo coragem e ligo para o irmão dele, que imigrou para o México há alguns anos e se casou com uma mexicana que ele conheceu em Cuba.	Pronominal	Desinencial	Tomar coragem	Superação	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
79	Sou uma americana que ficou amiga de Eduardo em Havana, falo , e gostaria de saber como ele está, só isso.	Pronominal	Desinencial	Falar	Apresentação/ Locução/ Pergunta	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
80	Digo que ele mencionou que sairia de férias em breve.	Pronominal	Desinencial	Dizer	Locução	Bastidores
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
81	Não estou com meu dicionário, não sei o que é <i>timón</i> .	Pronominal	Desinencial	Estar/ saber	Confissão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
82	“Me explique melhor”, peço ansiosa, e o irmão de Eduardo me deixa entender apenas que o barco quebrou antes de eles se distanciarem muito da costa.	Pronominal	Desinencial	Pedir	Requisição	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

83	Desligo aflita e procuo o dicionário.	Pronominal	Desinencial	Desligar/ Procurar	Aflição/ Pesquisa	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			
84	O <i>timón</i> é o leme do barco, e agora formo na mente a imagem do drama da fuga de Eduardo: (...)	Pronominal	Desinencial	Formar	Imaginação/ Reflexão	Expressão Pessoal
		Sujeito	Objeto			
		Singular	Plural			

O maior número de usos de “primeira pessoa por parágrafo” coincidiu com o trecho mais “personalíssimo”, por assim dizer, das matérias analisadas. Nas 10 seqüências discursivas temos uso de 17 verbos cujas desinências indicam a narradora enquanto sujeito (apenas uma no plural exclusivo, o restante no singular) e duas orações em que ela recebe a ação verbal. Das 10 seqüências, sete foram classificadas na categoria “Expressão Pessoal” – embora não tenha sido fácil optar entre uma ou outra das categorias de classificação propostas nesta monografia, para esse trecho final de texto.

Isso porque algumas seqüências tanto indicam bastidores de apuração, simplesmente, quanto revelam sensações da narradora. É o caso da SD 83 em que ela procura o dicionário (ato de pesquisa) depois de ter desligado o telefone, “aflita”. De todo modo, resolvi que a expressividade preponderava sobre as construções frasais indicando bastidores – na hora de classificar orações cuja separação em seqüências distintas comprometeria o entendimento do trecho.

É o caso também da primeira seqüência dessa parte final (SD 75) em que prepondera a expectativa pessoal da narradora de que Eduardo ligue para ela, conforme combinaram, para dar notícias sobre a fuga. E então ela se revela angustiada (76) depois de quatro semanas sem notícia do amigo. Ligar para o irmão dele no México é colocado como um ato de coragem, superação (SD 78).

O que consegui isolar de seqüências indicando somente bastidores de apuração foram trechos de atos de comunicação/ diálogo com as fontes, como a

tentativa primeira de ligar para Eduardo (SD 77), e quando cita indiretamente sua própria fala se apresentando ao telefone para o irmão de Eduardo (SD 79) e diz que sabe que ele “sairia de férias” (SD 80) – o código que remete à fuga.

No restante das sequências discursivas em que a primeira pessoa aparece, continuamos a enxergar particularidades da autora: confissão de que não sabe uma palavra em espanhol importante para entender o que se passou com o barco de Eduardo (SD 81); o pedido ansioso para que o irmão dele explique melhor o que se passou, bem como a limitação do que conseguiu entender (SD 82); e por último – após desligar aflita o telefone e procurar o dicionário (SD 83) – imagina, supõe, idealiza o que possa ter acontecido com Eduardo (SD 84). A matéria termina com esse desfecho hipotético sobre a fuga frustrada do amigo:

Flutuando no mar com o leme quebrado, ele e os companheiros sem dúvida discutem por algum tempo. O que aconteceria se tentassem seguir de motor ligado na direção de uma enseada que eles não podem ver, sem nada sob o casco que mantivesse o barco na direção certa? Dúvidas. Então fazem meia-volta, retornam à parte do oceano que já conhecem e remam para casa. (p. 69 da edição).

Ao todo, neste texto encontramos o maior número e variedade de usos de formas em primeira pessoa, destacando-se construções na primeira pessoa do singular (em 69 dos 84 registros) colocando o narrador tanto como atuante no cenário da reportagem (vendo, se locomovendo, pesquisando, conversando com as fontes) quanto recebendo ação de outros personagens. Embora feita marcadamente do ponto de vista do narrador, o uso da primeira pessoa foi usado menos para revelar suas opiniões, angústias e reflexões do que para mostrar movimentos e ações de bastidores da reportagem – 25 dos 84 registros foram classificados como de Expressão Pessoal.

Conclusões:

A primeira constatação a ser feita é que os textos analisados são diferentes entre si em relação à quantidade total de usos da primeira pessoa do discurso. No primeiro texto, cujo foco narrativo foi em terceira pessoa, encontramos apenas nove registros do narrador em primeira pessoa. Já no segundo, com foco narrativo alternando entre o narrador onisciente e o narrador-testemunha, tivemos 33. E no último, cujo texto foi narrado basicamente do ponto de vista da narradora, fizemos 84 registros.

Apesar dessa diferença marcante em termos quantitativos totais, o modo como foi utilizado o narrador em primeira pessoa nas três matérias de capa analisadas apresentou uma regra comum: a maior parte das vezes em que aparece explícito no texto, o repórter esteve relacionado a aspectos do processo de produção e apuração da reportagem – o que na presente pesquisa denominamos como categoria “bastidores”. Isto porque o narrador da *National Geographic* revela, basicamente: com quem esteve (contato com as fontes); onde esteve (locais visitados); os deslocamentos que realizou; o tempo que passou em determinado local ou com tal personagem; os diálogos que teve, além de constatações diversas (o que viu, avistou, ouviu ou pesquisou).

Há outras semelhanças e diferenças, relacionadas ao uso da primeira pessoa, entre os três textos. Na primeira reportagem analisada, sobre a África do Sul, o relativamente pequeno uso das formas na perspectiva do narrador apresentou 100% de situações de bastidores da reportagem – e nada de expressão pessoal do autor. Já nas reportagens sobre a Amazônia e Cuba, constatamos o narrador aparecendo explicitamente para revelar opiniões, sensações, angústias, confissões e reflexões pessoais. Menos vezes no texto da Amazônia (6 dos 33 registros) e mais no de Cuba (25 de 84) – mas ambos representando a menor parte das ocorrências em primeira pessoa de cada texto: 18% e 29%, respectivamente.

Já o uso da primeira pessoa do plural aproxima a primeira reportagem da última, e torna distinta aquela analisada em segundo lugar. Na matéria sobre a

África do Sul, por exemplo, para demarcar que esteve junto das pessoas entrevistadas, quatro dos nove registros estavam na primeira pessoa do plural – usada com sentido exclusivo e delimitada, isto é, indicando a narradora e a personagem que a acompanhava. O mesmo tipo de uso da primeira pessoa do plural (exclusiva e definida) foi utilizado no terceiro texto analisado, sobre Cuba – embora aqui tenha predominado o uso das formas em primeira pessoa do singular (em 69 dos 84 registros feitos).

Já na reportagem sobre os caiapós da Amazônia, o narrador se coloca quase sempre no plural exclusivo, porém, indefinido: nunca sabemos com quem está exatamente. Infere-se apenas que ele faz parte de um grupo, uma equipe de reportagem, ora com, ora sem a presença de outros personagens (no caso, os índios). É da perspectiva desse grupo, desse “nós” indefinido que se narra a jornada na selva amazônica. Foram 22 registros feitos em primeira pessoa do plural do total de 33 daquele texto.

Embora tenha sido caso raro, encontramos também o uso da primeira pessoa do plural inclusiva: uma ocorrência no texto sobre a Amazônia (SD 32) e duas no texto sobre Cuba (SD 15 e SD 44) colocam o leitor em evidência – respectivamente, em uma questão retórica; em um recurso estilístico de falsa inclusão (companhia); e para localizá-lo no texto e no assunto. A referência direta ao interlocutor também foi realizada, uma vez, no texto sobre a África do Sul. Mas nesse caso a narrativa se utilizou da forma de tratamento “você” (a mesma utilizada no texto de Cuba, também uma vez).

Nas três reportagens também é possível vislumbrar o uso do narrador em primeira pessoa para indicar certa dose de risco, aventura ou dificuldade vivido por eles durante a apuração. Na África do Sul a repórter esteve “cara a cara e joelho a joelho” com o criminoso (SD 1 – Tabela 1). Na Amazônia o repórter se enfronta na floresta (SD 20 – Tabela 3), se esquiva, esgueira e retorce “em meio a fetos espinhosos e troncos caídos” (SD 14 – Tabela 3). Em Cuba a repórter esteve caminhando bastante, posto “frágeis capacetes” e subido “sem nenhuma prudência na garupa de mototáxis não licenciados” (SD 59 – Tabela 10).

Mas não podemos concluir que o uso da narração em primeira pessoa da National Geographic Brasil serve para revelar o “espírito aventureiro” tão ressaltado nas próprias páginas da história da revista divulgada no sítio eletrônico. Tampouco serve como parâmetro para avaliar subjetividade ou objetividade nos textos analisados. Primeiro porque um estudo mais amplo, que envolvesse maior número e variedade de reportagens seria necessário – além da necessidade de o estudo abranger todo o discurso. Segundo porque estudos de avaliação de objetividade/subjetividade devem contemplar métodos distintos e específicos. E terceiro, porque não foi o propósito desta pesquisa.

O que podemos afirmar, com o corpus analisado, é que tanto no texto em que foi menos utilizado (explícito no texto), quanto naquele em que mais apareceu, o “Eu-repórter” esteve mais relacionado a ações simples ou corriqueiras como: pegar uma carona ou receber uma xícara de chá (SD’s 4 e 8 do texto 1); descarregar bagagens, montar barracas, caminhar ou ouvir o que as pessoas dizem (SD’s 5, 9, 21 e 28 do texto 2); abrir a porta de um carro, encontrar pessoas, ler o jornal local ou receber uma magnífica salada de alguém (SD’s 3, 19, 33 e 64 do texto 3). O que esta “simplicidade” poderia sugerir?

Talvez os resultados apresentados sirvam para confirmar o que Márcia Benetti já ensinara: o uso da primeira pessoa pode servir como um dispositivo de autoridade, como forma de reforçar a própria credibilidade jornalística no texto (2013). O predomínio das sequências discursivas em primeira pessoa ligadas a ações simples de bastidores podem indicar, ao menos sem extrapolar este corpus, que a narrativa da National Geographic situa o repórter em cena, deixando explícito que a matéria é fruto de um trabalho de campo, feita por e com pessoas de verdade. E em menor quantidade, serve também para evidenciar a perspectiva pessoal do autor.

Pessoalmente, acredito que o uso da primeira pessoa humaniza o texto e traz honestidade interpretativa – além de revelar parte do trabalho do repórter. Em todos esses casos, não vejo empecilho à função primordial do jornalismo: informar com credibilidade.

Referências:

- ALI, Fátima. *A arte de editar revistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- BENETTI, Marcia. Revista e Jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello; SCHWAAB, Regis. (Orgs.) *A Revista e seu Jornalismo*. Porto Alegre: PENSO, 2013.
- CASTILHO, Carlos. *A polêmica do jornalismo na primeira pessoa*. Artigo do Observatório de Imprensa, edição 341. S.L. em 08/08/2005. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_polemica_do_jornalismo_na_primeira_pessoa> Acesso em 09/05/2013.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: Aula Inaugural no College de France*, Pronunciada em 2 De Dezembro De 1970. São Paulo: Loyola, 2006.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 9ª edição, 2006.
- JENKINS, Mark e VESILIND, Priit. História da National Geographic (08/09/2011) – O Mundo e tudo o que existe nele. Disponível em <<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/historia-national-geographic-o-mundo>>. Acesso em 18/03/2014.
- JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. *Análise de Conteúdo*. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Orgs.) *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- *Linguagem jornalística*. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: Teoria e Análise da Narrativa Jornalística*. Brasília : Casa das Musas, 2005.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 6ª edição, 2005.

- ROCHA, Patrícia. *Jornalismo em primeira pessoa: a construção de sentidos das narradoras da revista TPM*. Porto Alegre, 2007. 155 f. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker, 2006.

- SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2011.

- VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

- WOLFF, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.